



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Faculdade de Enfermagem

Diana da Silva Marinho

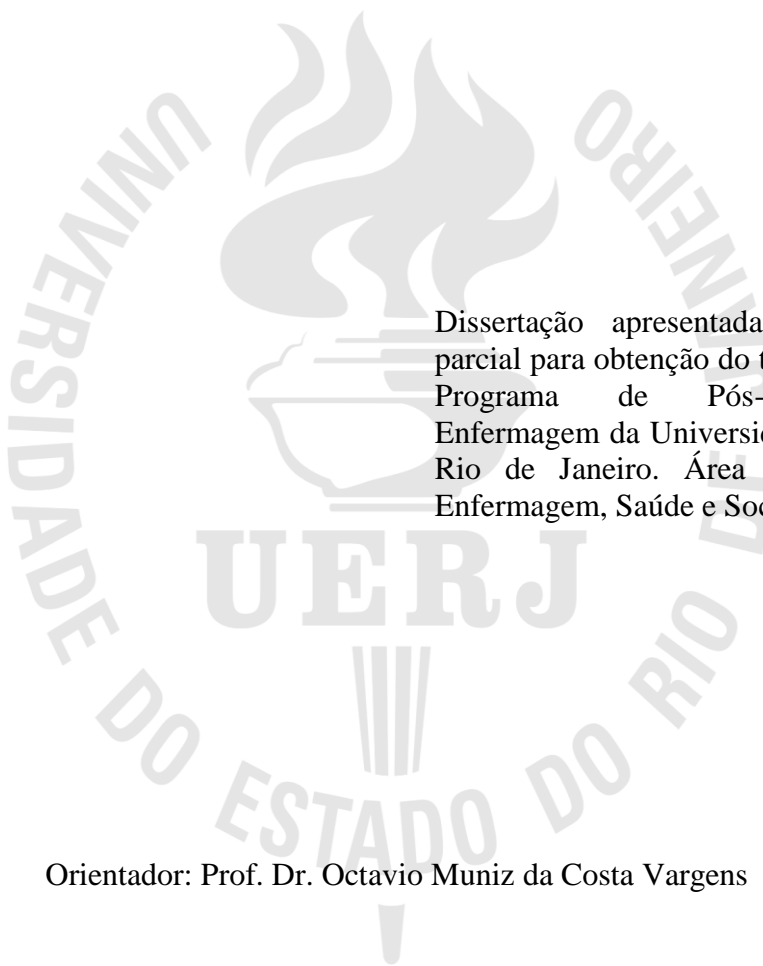
**Lidando com um fenômeno natural e que ficará para sempre: a
menstruação e suas influências na vida da mulher**

Rio de Janeiro

2019

Diana da Silva Marinho

Lidando com um fenômeno natural e que ficará para sempre: a menstruação e suas influências na vida da mulher



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBB

M339 Marinho, Diana da Silva.
Lidando com um fenômeno natural e que ficará para sempre: a menstruação e suas influências na vida da mulher / Diana da Silva Marinho.
- 2019.
76f.

Orientador: Octavio Muniz da Costa Vargens.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem.

1. Cuidados de enfermagem. 2. Mulheres. 3. Menstruação. 4. Interacionismo simbólico. I. Vargens, Octavio Muniz da Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem. III. Título.

CDU
614.253.5

Bibliotecária: Diana Amado B. dos Santos CRB7/6171

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Diana da Silva Marinho

Lidando com um fenômeno natural e que ficará para sempre: a menstruação e suas influências na vida da mulher

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens (Orientador)

Faculdade de Enfermagem – UERJ

Prof.^a Dra. Luciane Marques de Araújo

Faculdade de Enfermagem – UERJ

Prof.^a Dra. Selma Villas Boas Teixeira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família. Ponto de apoio da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força e não me deixar desistir dos meus objetivos.

Aos meus pais, por me darem carinho, sabedoria, orientando-me sempre a persistir.

À minha tia Beatriz, Maria e Mazinha, mesmo estando distantes, sempre me apoiando.

Ao meu noivo Julio Cesar, por estar em todos os momentos presente, principalmente nos momentos difíceis, não me deixando desistir.

Ao meu orientador de desde sempre Octavio Muniz da Costa Vargens, por não ter desistido de mim, ter tido paciência, confiança e compreensão.

Às professoras da banca examinadora Luciane Marques de Araújo, Selma Villas Boas Teixeira, Carla Marins Silva e Thelma Spindola, pelas relevantes contribuições para o aprimoramento e desenvolvimento da dissertação.

À Faculdade de Enfermagem da UERJ e ao Programa de Pós-Graduação, pela oportunidade única.

E aos meus amigos e colegas de trabalho que torceram por mim.

RESUMO

MARINHO, Diana da Silva. **Lidando com um fenômeno natural e que ficará para sempre**: a menstruação e suas influências na vida da mulher. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A menstruação, biologicamente e de acordo com a visão médica, é definida como a eliminação de sangue e tecido superficial do endométrio após a prévia involução, em consequência à queda das concentrações séricas de estrogênios e progesterona ao final do ciclo ovariano. Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem procurado desestimular este conceito mecanicista, buscando afirmar que o ato de menstruar também envolve variáveis psicológicas, sociais e culturais. Foram definidos os seguintes objetivos: Descrever as relações de influência da menstruação na vida de mulheres, segundo sua própria percepção e Analisar a relação de mulheres com a menstruação à luz do interacionismo simbólico. O estudo proposto é descritivo, qualitativo e visa a explorar diferentes aspectos das experiências de vida das participantes. Optou-se por abordagem qualitativa, baseada nos pressupostos da *Grounded Theory*, por oferecer elementos para a discussão e análise dos dados de modo comparativo constante dos resultados, e do interacionismo simbólico, que possibilita que a pesquisa qualitativa atinja o objetivo de pesquisar o sentido que os indivíduos propõem aos objetos, pessoas e símbolos com os quais interagem no meio social. Dos resultados evidenciados, foram geradas quatro categorias: “A chegada de algo inesperado e desconhecido que ficará para sempre...”, “A influência dos outros na vivência/experiência da menstruação”, “O conhecimento do corpo e a relação consigo mesma e com o mundo à sua volta” e “Reconhecendo e lidando com as influências na vida”. Observou-se que as mulheres, ao lidarem com o fenômeno da menstruação, mesmo esta sendo algo natural, vivenciam-na diferentemente, sendo o seu meio social e sua cultura grandes influenciadores do processo, além de o próprio evento ser um marco em sua vida, pois, muitas vezes, ocorre de modo inesperado, podendo gerar ações positivas ou negativas. O suporte social é outra estratégia bastante importante como apoio tanto para as adolescentes que vivenciam esse momento de transição para a fase adulta como para as mulheres adultas que consideram importante receber apoio de seus familiares, amigos, entre outros. A participação do enfermeiro pode tornar-se uma importante mediação junto a essa mulher, para auxiliá-la na busca de significados mais contundentes por meio de um cuidado mais integral, qualificado, fazendo com que a mulher tenha uma visão reflexiva sobre o ato de estar menstruada e sobre as influências da menstruação em sua vida, bem como um olhar para além de assumir naturalmente este evento, conformar-se ou não aceitar a menstruação. Ao ajudá-la a ressignificar esse fenômeno, trazendo para ela uma visão diferenciada, mostrando a menstruação como algo natural, possibilitando que a mulher assuma a menstruação como símbolo do feminino e instrumento de empoderamento, a enfermagem desenvolve ação importante do cuidado, atribuindo a esse cuidado cunho libertador. Os resultados do presente estudo evidenciaram situações que merecem aprofundamento em estudos posteriores.

Palavras-chave: Cuidado de enfermagem. Mulheres. Menstruação. Interacionismo simbólico.

ABSTRACT

MARINHO, Diana da Silva. **Dealing with a natural phenomenon that will remain forever: menstruation and its influences in the life of women.** 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Menstruation, biologically and according to the medical view, is defined as the elimination of blood and superficial tissue of the endometrium after previous involution, as a result of the drop in serum concentrations of estrogens and progesterone at the end of the ovarian cycle. However, the World Health Organization (WHO) has tried to discourage this mechanistic concept and sought to affirm that the act of menstruating also involves psychological, social and cultural variables. The following objectives were defined: Describe the relations of the influence of menstruation in the lives of women, according to their own perception and Analyze the relation of women with menstruation in the light of symbolic interactionism. The proposed study is descriptive, qualitative and aimed at exploring different aspects of the participants' life experiences. We chose a qualitative approach, based on the assumptions of the Grounded Theory, for it offers elements for the discussion and analysis of the data results in a constant comparative way, and of the Symbolic Interactionism, which enables the qualitative research to achieve the objective of researching the meaning that individuals propose to the objects, people and symbols with which they interact in the social environment. From the results, four categories were generated: "The arrival of something unexpected and unknown that will remain forever...", "The influence of others in living/experiencing menstruation", "The knowledge of the body and the relationship with herself and the world around her" and "Recognizing and dealing with the influences in life". It was observed that women, when dealing with the phenomenon of menstruation, although it is something natural, experience it differently, their social environment and culture being great influencers of this process, besides the event itself being a milestone in her life because it often occurs unexpectedly, and can generate positive or negative actions. Social support is another particularly important strategy as a support for both adolescents who experience this moment of transition to adulthood and for adult women who consider it important to receive support from their relatives, friends, among others. The participation of the nurse can become an important mediation with this woman to help her in the search for more significant meanings by means of a more integral, qualified care, causing the woman to have a reflexive vision about the act of being menstruated and about the influences of menstruation in her life, as well as having a look beyond just assuming this event naturally, conforming herself or not accepting the menstruation. By helping her to re-signify this phenomenon, bringing her a differentiated view, showing menstruation as something natural, enabling women to assume menstruation as a symbol of the feminine and an instrument of empowerment, nursing will be developing an important action of care with a liberating imprint. The results of the present study evidenced situations which deserve to be deepened in further studies.

Keywords: Nursing care. Women. Menstruation. Symbolic interactionism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Distribuição vertical do conteúdo dos depoimentos.....	32
Quadro 2 –	Codificação aberta do conteúdo dos depoimentos.....	33
Quadro 3 –	Categorização provisória.....	34
Quadro 4 –	Categorização efetiva.....	35
Figura 1 –	Diagrama representativo do modelo explicativo.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DISAMI	Divisão de Saúde Materno-Infantil
FSH	Hormônio Folículo-Estimulante
LH	Hormônio Luteinizante
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PNAISM	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher
TPM	Tensão Pré-menstrual
SPM	Síndrome Pré-menstrual
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	14
1.1	Análise política e histórica da saúde da mulher.....	14
1.2	Menstruação.....	16
1.3	Interacionismo simbólico.....	20
1.3.1	<u>Símbolo.....</u>	23
1.3.2	<u>Self.....</u>	24
1.3.3	<u>Mente.....</u>	25
1.3.4	<u>Interação social.....</u>	26
1.3.5	<u>Sociedade.....</u>	26
1.4	Relação da menstruação com o interacionismo simbólico.....	26
2	METODOLOGIA.....	28
2.1	Natureza do estudo.....	28
2.2	<i>Grounded theory.....</i>	29
2.3	Operacionalização da pesquisa.....	30
2.4	Aspectos éticos.....	36
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
3.1	Categoria 1: A chegada de algo inesperado e desconhecido que ficará para sempre.....	37
3.1.1	<u>Subcategoria 1: Lidando com o desconhecido e inesperado.....</u>	37
3.1.2	<u>Subcategoria 2: Carregado de aspectos negativos, inclusive a vergonha.....</u>	39
3.1.3	<u>Subcategoria 3: Ficaré para sempre por ser natural à mulher.....</u>	42
3.1.4	<u>Subcategoria 4: Sentimento de empoderamento.....</u>	43
3.2	Categoria 2: A influência dos outros na vivência/experiência da menstruação.....	44
3.2.1	<u>Subcategoria 1: Orientações dadas pela mãe e outros contatos (amigas, familiares, escola.....)</u>	45
3.2.2	<u>Subcategoria 2: Parceiro.....</u>	47
3.3	Categoria 3: O conhecimento do corpo e a relação consigo mesma e com o mundo à sua volta.....	49

3.4	Categoria 4: Reconhecendo e lidando com as influências na vida.....	52
3.4.1	<u>Subcategoria 1: Na vida pessoal.....</u>	52
3.4.2	<u>Subcategoria 2: Na vida familiar.....</u>	53
3.4.3	<u>Subcategoria 3: Na vida social.....</u>	54
3.4.4	<u>Subcategoria 4: Na vida profissional.....</u>	56
3.4.5	<u>Subcategoria 5: Na vida sexual.....</u>	58
4	A MENSTRUÇÃO À LUZ DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO.....	60
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A – Roteiro da entrevista.....	72
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	73
	ANEXO – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ.....	74

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mulheres são diferentes dos homens em muitos aspectos com destaque para os relacionados à fisiologia. A maioria das mulheres que são “fisiologicamente normais” apresenta ciclo menstrual que é definido como o período compreendido entre o primeiro dia da menstruação e a véspera do início da menstruação seguinte (BARCELOS; ZANINI; SANTOS, 2012).

A menstruação, biologicamente e de acordo com a visão médica, é definida como a eliminação de sangue e tecido superficial do endométrio após a prévia involução, em consequência à queda das concentrações séricas de estrogênios e progesterona ao final do ciclo ovariano. Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem procurado desestimular este conceito mecanicista, buscando afirmar que o ato de menstruar também envolve variáveis psicológicas, sociais e culturais (BERTONI et al., 2011).

A menstruação, há tempos, é frequentemente associada a tabus e mitos que, de certa forma, influenciam diretamente na relação da mulher com seu ciclo menstrual. Segundo a literatura antropológica, o termo tabu refere-se a indivíduos, coisas ou palavras temidas ou suscetíveis à proibição e, em qualquer circunstância, os tabus são mais restritivos a respeito do comportamento da mulher. Os mitos, por sua vez, fazem parte das interpretações com que cada sociedade distingue a sua realidade. A elaboração mítica tem por objetivo justificar, racionalizar e legitimar realidades socioculturais. No caso da menstruação, a elaboração mítica se conecta aos possíveis sintomas inerentes ao ciclo menstrual e sua implicância na vida social e cultural da mulher (LUZ; BERNI; SELLI, 2007).

O tabu, assim, se refere a algo proibido, portanto, diz respeito ao silenciamento. De acordo com as imposições da sociedade, as mulheres são orientadas desde a menarca a realizarem determinados comportamentos, como, por exemplo, não comentar quando estiver em seu período menstrual; não exibir absorventes, principalmente para alguém do sexo oposto. Além disso, com a tensão pré-menstrual, tem-se a ideia de que a mulher sofra alterações tanto de humor quanto comportamentais. Assim, essas convenções estimulam que a menstruação ainda hoje seja marginalizada pela sociedade (RATTI, 2015).

Segundo Tan, Haththotuwa e Fraser (2017), os contos míticos sobre a menstruação referenciam-se em culturas antigas e caracterizam o sangue menstrual como algo sagrado, um presente dos deuses ou uma punição pelo pecado, mas é quase sempre mágico e poderoso. Porém, a maioria das religiões vê a menstruação, alternando em graus de severidade, como

um grande problema, um sinal de impureza e de sujidade, assim, as mulheres menstruadas são isoladas e proibidas de frequentar muitos lugares. E, infelizmente, muitos mitos e tabus ainda persistem na sociedade nos dias atuais, refletindo em diversas atitudes negativas em relação à menstruação e influenciando intensamente a vida mulher.

Observa-se que muitas considerações sobre as mulheres menstruadas foram banalizadas. No entanto, muitos complexos ainda permanecem. A vergonha menstrual e o constrangimento são exemplos que continuam sendo perpetuados por meio da sabedoria popular comum, de métodos educacionais e até mesmo pela publicidade comercial, ou seja, as mulheres constantemente recebem influências da sociedade (TAN; HATHHOTUWA; FRASER, 2017).

Entende-se, portanto, que as mulheres apresentam necessidades diferentes e desafios peculiarmente femininos durante a fase adulta de sua vida, e que a possibilidade e potencialidade de reprodução, ao menos para as mulheres heterossexuais férteis, são constantes. Estes não dizem respeito somente à menstruação, mas também a outros fatores determinados pela biologia como a fecundidade/fertilidade. Juntam-se a estes aspectos aqueles culturalmente associados ao gênero feminino, como seu papel na sexualidade, o papel social da mulher e a pressão pela maternidade (LUZ; BERNI; SELLI, 2007).

Muitas mulheres tratam desse assunto em segredo entre elas, pois gera vergonha, sendo uma questão cultural, que não deve ser divulgada. Assim, muitas apoiam as mensagens sociais da menstruação como vergonha e contaminação. Isso é refletido na medicalização, através, por exemplo, do uso dos contraceptivos, e na falta de reconhecimento das mulheres, pois a medicina é a detentora do conhecimento e se apropria principalmente do corpo feminino (JACKSON; FALMAGNE, 2013).

Desse modo, ao observar e relacionar os fatores biológicos, psicológicos e sociais sobre a menstruação, ao observar o cotidiano das mulheres, suas relações, principalmente em minha vida pessoal e em meu local de trabalho, fui instigada a realizar esse estudo, e assim propus a seguinte questão norteadora: Como a mulher interage com a menstruação e as influências dessa em sua vida?

Diante disso, definiu-se como objeto de estudo **a menstruação e suas influências na vida da mulher.**

Foram definidos os seguintes objetivos:

- a) Descrever as relações de influência da menstruação na vida de mulheres, segundo sua própria percepção;

b) Analisar a relação de mulheres com a menstruação à luz do interacionismo simbólico.

Como justificativa/relevância, observamos ainda existirem muitos tabus, dúvidas e preconceitos no que concerne à menstruação. Assim, torna-se importante questionar as circunstâncias que permeiam a história das mulheres em suas relações com a menstruação e, desse modo, tentar desmitificar os tabus, retirar dúvidas e preconceitos. Portanto, o estudo pretende tornar-se relevante para a sociedade.

Em relação à assistência de enfermagem, o estudo almeja contribuir com informações importantes sobre o fenômeno que permitam um cuidado diferenciado, tendo por base a perspectiva da mulher sobre si mesma.

Para a comunidade científica, uma lacuna observada na literatura poderá ser preenchida por este e por novos estudos oriundos de seus desdobramentos. E para o ensino/teoria, poderá oferecer subsídios visando à inclusão, na formação dos profissionais, de uma perspectiva sobre a temática para além dos aspectos biológicos ou fisiopatológicos.

A contextualização do estudo baseia-se na análise política e histórica da saúde da mulher, no interacionismo simbólico e na relação da menstruação com o interacionismo simbólico.

Baseada nas relações entre homens e mulheres, a sociedade determina, entre suas normas e condutas, um sistema de papéis fundamentados pelo contexto político, econômico e cultural em que se encontra, estabelecendo, desta forma, representações do que seja masculino e feminino. Observa-se assim, que, ao longo dos tempos, as mulheres têm sido consideradas seres incapazes e inferiores. Sua participação social está alicerçada em valores construídos durante séculos, representando, para muitos, fragilidade e despreparo para a vida pública (CABRAL; RESSEL; LANDERDAHL, 2005).

Ao percebermos, mediante pesquisas bibliográficas, que na literatura nacional existem poucos estudos que tratam dessa temática, passamos a nos questionar sobre as circunstâncias que permeiam a história dessa mulher em sua relação com a menstruação na sociedade contemporânea.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.1 Análise política e histórica da saúde da mulher

De acordo com Santos et al. (2010), há registros históricos no Brasil sobre a temática Saúde da Mulher presente nas políticas públicas de saúde desde o início do século passado, porém restritos às questões interligadas à gestação, ao parto e ao puerpério. Os programas direcionavam-se ao eixo materno-infantil, evidenciando uma visão fragmentada da mulher, em uma visão unicamente biológica, gestacional e do papel social de mãe inserida no lar com a função de cuidar dos filhos e criá-los.

Por volta da década de 1970, através da luta pela democratização das políticas, novas características e estratégias foram elaboradas. E, a partir de 1980, houve o surgimento e fortalecimento dos movimentos sociais, dentre eles, o movimento feminista (SANTOS et al., 2010).

Segundo Costa (2009), o movimento feminista, inicialmente frágil e ainda desorganizado, se opôs ao controle demográfico que não visava à autonomia das mulheres. Esse movimento utilizava a frase “Nosso corpo nos pertence”, lutava pela autonomia das mulheres, liberdade de escolha, mudança do modelo de mulher vista como mãe e reprodutora, além de se opor a toda forma de submissão e opressão.

A abertura política fez com que o movimento feminista tivesse grandes proporções. O movimento, que impunha a autonomia e liberdade de escolha das mulheres, também passou a denunciar o uso de seus corpos em experimentos sem nenhum preceito ético legal, passando então a exigir do Estado um programa que acompanhasse a mulher de forma integral e em todas as fases da vida (RAMALHO et al., 2012).

O processo de Reforma Sanitária em meados de 1980 foi altamente significativo para o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), pois estruturou as noções de integralidade da atenção e equidade e, ainda, chamou a atenção para a conquista da saúde da mulher como um direito à cidadania e à saúde como previsto na Constituição de 1988 (CABRAL; RESSEL; LANDERDAHL, 2005).

Com o movimento de Reforma Sanitária, o movimento feminista apoiou movimentos sociais em defesa da integralidade nas ações de saúde. E o PAISM relacionou a saúde da mulher em sua integralidade, defendida pelo movimento de Reforma Sanitária e pelo

movimento feminista, por meio de políticas específicas para mulheres, oferecendo informações relativas ao corpo, à saúde e à sexualidade (RAMALHO et al., 2012).

Assim, em 1984, em meio às reivindicações existentes, a equipe da Divisão de Saúde Materno-infantil (DISAMI) do Ministério da Saúde, composta por membros do movimento sanitário, juntamente com a participação de um grupo do movimento feminista, compõe uma proposta intitulada Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) (SANTOS et al., 2010).

O programa atingiria o atendimento global das necessidades de saúde do segmento feminino em todas as fases de vida, ou seja, a arcaica visão que focava a saúde da mulher interligada somente ao seu ciclo gravídico-puerperal passa a abranger a mulher em todas as fases do seu ciclo biológico. Representou, na esfera das políticas públicas brasileiras, um avanço na atenção à saúde da mulher, pois, por muito tempo, as metas governamentais sobre a saúde da mulher concentraram-se somente na reprodução, na saúde materno-infantil, em que a mulher era considerada um objeto de procriação (SANTOS et al., 2010; SHALLAT, 1995).

Além disso, ao longo do tempo, através das lutas feministas, reconheceu a necessidade do conhecimento sobre as especificidades das mulheres não somente relacionadas às questões reprodutivas, o que representou uma ruptura com a perspectiva biologizante materno-infantil. Essa política pôde trazer o princípio da integralidade que busca a possibilidade de compreender as necessidades mais essenciais do ser humano, no caso as mulheres, integrando as atividades preventivas e assistenciais (COELHO et al., 2009).

Com o PAISM, foi a primeira vez que se teve uma ação voltada exclusivamente para as mulheres na saúde pública. Contudo, as questões de gênero nesse campo ainda não englobavam todas as áreas, restringindo-se à ginecologia e obstetrícia (BANDEIRA, 2014).

Este programa englobou as propostas do Movimento da Reforma Sanitária, além de ações educativas, de promoção e prevenção, diagnóstico, tratamento e recuperação. Preconizou a assistência integral à saúde da mulher, visando à saúde da população feminina (SANTOS et al., 2010).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) começou em 2003 a ser formulada através da avaliação dos avanços e retrocessos. Em meados de 2004, o Ministério da Saúde iniciou a PNAISM – Princípios e Diretrizes, de acordo com as propostas do Sistema Único de Saúde (SUS), seus princípios e diretrizes (BRASIL, 2008; SANTOS et al., 2010).

A PNAISM, através de seus princípios, busca enfatizar a questão de gênero e a integralidade, norteadoras das práticas de cuidado à saúde das mulheres (COELHO et al., 2009).

Esses argumentos deixaram claro que a mulher deveria ser vista muito além de sua maternidade, ampliando também a percepção da saúde, no âmbito dos direitos sexuais e reprodutivos, para a perspectiva dos direitos humanos. Portanto, além dos aspectos biológicos, a mulher foi percebida e abordada em sua dimensão social, econômica, histórica, política e cultural, uma vez que é na interação desses aspectos que resultam o perfil de saúde e doença do ser humano (CABRAL, 2002). Outro ponto que foi modificado foi a mulher buscar assistência e auxílio nos serviços de saúde para questões não associadas somente à sua questão biológica e reprodutiva, mas aprofundando a ginecologia, olhando para o fenômeno da menstruação como algo pertencente a ela, natural, devendo então esses serviços de saúde e os profissionais envolvidos apresentar uma visão diferenciada, muito além da maternidade.

Desse modo, a menstruação e suas influências na vida da mulher, no decorrer da história de sua evolução, nos trazem inquietações sobre sua relação com as mulheres e assuntos que necessitam ser abordados.

Os profissionais de saúde, principalmente os envolvidos com a saúde da mulher, necessitam realizar uma contínua busca pela compreensão do tema e incorporá-lo à prática vivenciada.

1.2 Menstruação

A menstruação é definida como a eliminação de sangue oriundo do endométrio através do canal vaginal quando as taxas sanguíneas de hormônios folículo-estimulante (FSH) e luteinizante (LH) são reduzidas, ou seja, biologicamente a menstruação consiste na perda da parede uterina que é descartada, pois não foi utilizada para sustentar e conseqüentemente nutrir um embrião devido à não fecundação (RATTI et al., 2015).

A menstruação é um evento fisiológico que faz parte da vida das mulheres, mas a menarca, ao contrário de outras mudanças, é um evento extremamente significativo para as adolescentes. A primeira menstruação é a principal mudança na puberdade; é como um rito da passagem. O efeito psicológico da menarca pode durar por muito tempo e pode estar associado à atitude das meninas em relação à menstruação, aos comportamentos e à imagem

do corpo feminino. No período em que ocorre a menarca, além de ser um período de transição, há diversos fatores ocorrendo, como a não aceitação da autoimagem, os conflitos familiares, o humor alterado, e até a depressão. Observou-se que sintomas como a depressão, a ansiedade e a incapacidade de se concentrar foram relatados por adolescentes durante a menstruação (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Assim, a cultura e as normas sociais em qualquer sociedade influenciam as mulheres sobre a menarca e também sobre a sua percepção pessoal dessa experiência. As tradições culturais determinam o desenvolvimento sociocultural positivo ou negativo. Exemplos como na Zâmbia, em que a menarca é recebida com alegria, onde as meninas recebem pijamas novos e toalhas para se preparar para a menstruação, e no sul da Índia, a menarca é celebrada com uma grande festa onde as meninas recebem joias (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Porém, as atitudes negativas em relação à menstruação são comuns em muitas culturas e, com frequência, na cultura popular. Os sentimentos negativos em relação à menarca podem ser influenciados pela preparação que é ofertada às jovens para a menstruação, a baixa autoestima, a falta de apoio e conhecimento. Por exemplo, na religião do Islã, durante a menstruação, a mulher não pode frequentar e visitar os santuários sagrados (mesquitas), participar das orações diárias nem tocar o livro sagrado (MÁRVAN; VÁZQUEZ-TOBOADA; CRISLER, 2014; OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Também se observou que as mulheres com alterações menstruais têm mais ausências no trabalho do que outras mulheres. Para um número de mulheres, sintomas relacionados a ciclos menstruais, como fadiga, cólicas incômodas ou sangramento intenso podem ser graves, interferir no funcionamento social ou ocupacional e resultar no aumento de ausências no trabalho. Os problemas menstruais também podem afetar os salários, pois reduzem a produtividade das mulheres durante o trabalho (HERRMANN; ROCKOFF, 2013).

Identificou-se que a menstruação ocupa papel central no contexto de determinadas comunidades e favorece o desenvolvimento da mulher e de sua feminilidade desde a infância. A percepção da menstruação como um processo natural também favorece o seu relacionamento com a feminilidade e a maternidade. Dessa forma, em diversas culturas, uma garota que já tenha uma prévia orientação e preparação terá uma menarca e uma experiência de vida positiva (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Porém, nas racionalizações míticas da sociedade, a mulher e sua natureza costumam ser símbolos negativos e menores em relação ao homem. Durante a gravidez e puerpério, as proibições têm a força de tabu e, na maternidade, a elaboração mítica se prende às diferenças do papel social entre os dois sexos. Por exemplo, é tabu lavar a cabeça no puerpério, enquanto

a mulher elimina lóquios, pois a perda sanguínea é considerada perigosa, e o banho, capaz de reverter o sangramento vaginal; caso ocorra, a mulher poderá conseqüentemente ficar “louca” (LUZ; BERNI; SELLI, 2007).

As culturas que veem a menstruação restritivamente e criam mitos relacionados, na maioria das vezes, inferiorizam as mulheres, que são vistas negativamente e de forma submissa ao homem.

A menstruação ainda hoje é vista como tabu por muitas culturas, sendo um assunto socialmente evitado e não discutido abertamente. Muitas garotas não eram e ainda não são devidamente orientadas para a menstruação devido à falta de conhecimento, buscando por vezes informações e orientações sobre a menarca e a menstruação em outras fontes, como, por exemplo, amigas e escola. O estudo também relatou que, durante muito tempo, em muitas culturas as mães foram as primeiras a fornecer orientações sobre a menarca, embora haja evidências de que havia certo desconforto ao conversar sobre o assunto com a mãe, além de permanecerem dúvidas. Desse modo, a menstruação ainda pode ser rotulada como algo que causa vergonha e que é visto como sigiloso (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

As mulheres, em seu cotidiano, ainda enfrentam a negatividade menstrual em sua vida. A menstruação é vista como dolorosa, vergonhosa e incapacitante. Além disso, a imprensa, como a televisão, por meio de propagandas, estimula as mulheres a esconderem o sangue menstrual “impuro” (FAHS, 2014).

Desde a década de 1970, investiga-se a aceitabilidade do uso dos contraceptivos orais que permitam às mulheres reduzir a frequência menstrual para intervalos de três meses. Em um estudo realizado na Holanda em 1999, 72% das mulheres gostariam de menstruar menos do que uma vez ao mês ou mesmo nunca (RIBEIRO; HARDY; HEBLING, 2007). Sendo assim, a interrupção proposital da menstruação tem sido discutida com base em argumentos históricos e médicos. Dentre eles, estão a antiga concepção de que esta seria benéfica à saúde da mulher; o fato de a mulher hoje menstruar mais vezes; a crença na perda inútil de elementos celulares sanguíneos durante a menstruação, fato que pode levar à anemia; a endometriose, a dor, a tensão pré-menstrual e outros desconfortos (O’FLYNN, 2006; RIBEIRO; HARDY; HEBLING, 2007).

A motivação das mulheres parece corresponder a um processo mais complexo, que faz parte do conceito de que a mulher já não é mais obrigada a cumprir com suas funções biológicas como engravidar, dar à luz, amamentar e engravidar novamente durante toda sua vida reprodutiva. Liberar-se dessa função biológica foi uma das grandes conquistas da chamada “libertação feminina” e, aparentemente, liberar-se da “obrigação” de menstruar vem

a ser como uma segunda etapa dessa liberação de condicionantes biológicos típicos de ser mulher (BOCCHINO, 2004; RIBEIRO; HARDY; HEBLING, 2007).

Relacionada a fatores biológicos, psicológicos e sociais, a menstruação faz com que as mulheres mencionem uma forte mensagem social de que esta deve ser escondida. A necessidade de mascarar provas de sangramento menstrual tornou-se um problema importante e fonte de estresse contínuo (DIOGENES, 2000; O'FLYNN, 2006). A pressão social para manter a ocultação da menstruação influencia o comportamento feminino relacionado à saúde. Muitas mulheres não procuram ajuda profissional alegando que os períodos dolorosos fazem parte da experiência feminina, o que favorece o agravamento dos sintomas desconfortáveis (O'FLYNN, 2006; WOONG; KHOO, 2010).

Segundo Moloney (2010), as mulheres, em sua maioria, crescem pensando na menstruação como um mal necessário, suportado com relutância, e assim como outros processos de excreção, é percebida de forma vergonhosa e desagradável, comparada a um processo patológico que requer controle médico.

Assim, a menstruação vem sendo vista com ambiguidade: um mal necessário e desagradável que faz parte da natureza da mulher e, ao mesmo tempo, tem sido associada à saúde, feminilidade, fertilidade e juventude (O'FLYNN, 2006; RIBEIRO; HARDY; HEBLING, 2007; VALADARES et al., 2006).

Observou-se que as mulheres necessitam ter acessibilidade aos conhecimentos e às orientações sobre a menstruação para que possam desenvolver e experimentar uma relação saudável com o mundo à sua volta. E para esse auxílio, os profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, podem auxiliar a minimizar os tabus sociais existentes, assim como o negativo pensamento relacionado ao desenvolvimento reprodutivo feminino (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Outro estudo realizado no Quênia relacionou a ausência das meninas na escola, a falta de saneamento e a pobreza com a menstruação; e identificou que, devido aos dias escolares serem longos (cerca de oito horas), aumenta-se o risco de vazamento menstrual; soma-se a isto o assédio constante dos meninos dentro e fora dos banheiros das escolas, causando, assim, a vergonha e o constrangimento das meninas. Também ocorre influência no desempenho escolar, o que resulta em notas mais baixas. Em relação ao saneamento, fato que gera intensa vergonha, muitas vezes as meninas usam algodão ou sacos de plástico e até mesmo “coisas estranhas” como folhas secas quando há falta de toalhas sanitárias, causando desconforto, constrangimento e até o risco de infecção.

Existe, ainda, uma pressão dos próprios familiares para que a menina abandone a escola, assuma uma maior participação no lar e, posteriormente, possa se casar. Assim, nesse caso a menstruação é identificada como um relevante estressor social e até mesmo como uma barreira para a escolaridade e, mesmo com o desenvolvimento, ainda é marginalizada pela sociedade em grande parte dominada pelos homens (JEWITT; RYLEY, 2014).

A menstruação, especialmente, define a transição para a idade adulta, sendo por vezes acompanhada por restrições à mobilidade feminina e ao acesso a espaços específicos, além de reproduzir as desigualdades de gênero (JEWITT; RYLEY, 2014).

Essas desigualdades de gênero entre o masculino e o feminino são intensificadas através da menstruação e, muitas vezes, acabam inferiorizando a mulher em vez de enaltecê-la, e impedem que a menstruação seja vista realmente como um símbolo de sexualidade, feminilidade e maternidade.

Outro aspecto importante a ser destacado é que, para muitas mulheres, a menstruação está intensamente ligada à identidade de gênero e às questões relacionadas ao ser saudável, ao bem-estar, à juventude e à vitalidade, como um símbolo de identidade feminina e fertilidade, características valorizadas na cultura brasileira (SILVA; MAMEDE, 2017).

Na perspectiva do interacionismo simbólico, as características da linguagem estão ligadas à interação e à cultura, através das interpretações dos processos de interação social e do entendimento dos fenômenos (CANCIAN, 2009). Nesse sentido, deve-se procurar entender os sentidos que a mulher atribui à menstruação, às suas relações, influências e interações com o seu meio social e com a sua cultura, pois a menstruação tem sido vista de forma ambígua em muitos momentos, ou seja, relacionada à saúde, feminilidade, fertilidade e como algo indesejável, mas de pertencimento somente das mulheres. É por meio destes sentidos atribuídos que as mulheres irão interagir e agir em seu meio social com relação à menstruação.

1.3 Interacionismo simbólico

A palavra interacionismo deriva de interagir, significando “agir mutuamente”. Já a palavra simbólico vem do grego *symbolikós*, e do latim *symbolicu*, “aquilo que tem caráter de símbolo”. O termo interacionismo simbólico origina-se na psicologia social, por trabalhos de acadêmicos norte-americanos como Charles Horton Cooley (1864–1929), W. I. Thomas

(1863–1947), George Herbert Mead (1863–1931), ressaltando-se também nomes como Herbert Blumer, John Dewey, Robert Park, Willian James, Florian Znaniechi, J. M. Baldwin, R. Redfield e L. Wirth (SANTOS, 2008).

O interacionismo simbólico centraliza-se na natureza social. Entende-se que as atividades realizadas pelos indivíduos são dinâmicas e sociais, sendo defendida essa abordagem por George Herbert Mead, psicólogo social e professor de filosofia da Universidade de Chicago. Uma de suas principais obras é um conjunto de lições sobre filosofia, “*Mind, self and society*”, identificada como a “bíblia” do interacionismo simbólico, editada em 1934. Herbert Blumer, um dos principais e mais importantes seguidores de Mead, foi responsável por unir todas as suas obras (CHARON, 1995).

Para Benzie e Allen (2001), entre os antecedentes intelectuais do interacionismo simbólico estão alguns moralistas escoceses do século 18 e idealistas alemães do século 19. Os moralistas, ao ampliarem as noções de Eu e Mim, proporcionaram as bases para a evolução do pensamento interacionista, no que se refere aos conceitos de Mente e *Self* como produtos sociais. Já os idealistas alemães introduziram a compreensão de que as pessoas constroem seu mundo em suas percepções próprias.

O interacionismo simbólico surgiu entre as décadas de 1930 e 1940. Em 1974, a fundação da Sociedade para o Estudo do Interacionismo Simbólico (*Society for the Study of Symbolic Interactionism*) é vista como o início de sua consolidação e importância (BLANCO, 1998).

Essa linha de pesquisa sociopsicológica e sociológica foi criada em 1937 por Herbert Blumer – estabelecendo os pressupostos da abordagem interacionista por intermédio de suas obras –, e reproduzida em sua mais importante publicação: “*Symbolic interactionism: perspective and method*” (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Blumer concedeu à abordagem teórico-metodológica a expressão “interacionismo simbólico”, reforçando que a ciência empírica deveria ser respeitada, por ser o mundo empírico o objeto de estudo e, para ser estudado, seria necessária uma metodologia. Desse modo, realizou estudos para os pressupostos básicos da abordagem interacionista, tendo a precaução de criar uma metodologia, pois os estudos de Mead não apresentavam uma sistemática teórica (LOPES; JORGE, 2005).

Blumer (1969) fundamentou-se nos preceitos teóricos de Mead e aprofundou a ideia de que o significado é um produto social que se inicia das atividades dos indivíduos à medida que estes próprios interagem. A natureza do interacionismo simbólico baseia-se na análise de três premissas:

- a) os seres humanos agem em relação às coisas, baseando-se no significado/sentido que as coisas têm para eles; são objetos físicos, seres humanos, instituições, ideias, ações humanas e outras situações vivenciadas no dia a dia do indivíduo;
- b) o significado/sentido de tais coisas por vezes é iniciado de uma interação social que o indivíduo tem com os outros indivíduos;
- c) esses significados/sentidos são influenciados e remodelados por um processo interpretativo, utilizado pelo indivíduo para tratar com as coisas que ele encontra.

Baseado nessas premissas, o interacionismo simbólico apresenta um esquema analítico da sociedade e das condutas humanas, que inclui ideias relacionadas a grupos humanos ou sociedades, interação social, objetos, o ser humano como ator, a ação humana e as interconexões das linhas de ação.

De acordo com Jeon (2004), o significado para os interacionistas simbólicos é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos. Para que se tenha uma compreensão completa do processo social, o pesquisador precisa apreender os significados atribuídos pelos indivíduos que vivenciam uma distinta situação, como no caso da influência da menstruação no mundo de relações da mulher.

Desse modo, o interacionismo simbólico é uma perspectiva teórica que favorece a compreensão da interpretação que as pessoas fazem de outras pessoas, dos objetos que interagem constantemente e como essa interpretação leva ao comportamento de cada indivíduo nas diversas situações vivenciadas (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

O interacionismo simbólico é muito relevante no estudo da vida social, pois proporciona um ponto de vista humanístico, em que as pessoas são identificadas como habilitadas para usar suas influências na simbolização para interpretar as diversas situações e adaptar-se da melhor forma possível às circunstâncias. Desse modo, é visto como uma das melhores estratégias para analisar processos de socialização e ressocialização. Além disso, também é de grande relevância para o estudo sobre os comportamentos, expectativas, mudanças de opiniões e exigências sociais (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Segundo Santos (2008), a interação social é um processo constantemente desenvolvido pelos indivíduos, sendo os próprios a interpretar e a interagir com o mundo que os cerca. Assim, as ações sociais ocorrem a partir de uma ordem de fatos estabelecidos. E a ordem desses fatos sociais e o sentido das ações estão vulneráveis às constantes mudanças e a novas interações. Sendo assim, conclui-se que a pesquisa de campo baseada no interacionismo

simbólico é muito relevante, principalmente para as áreas das ciências sociais e da saúde, devendo o pesquisador atentar-se ao cotidiano das relações estabelecidas pelos atores no cenário social, analisar e pesquisar o sentido dado a cada ação, de acordo com o contexto em que os indivíduos estão inseridos.

O interacionismo simbólico possibilita que a pesquisa qualitativa alcance o objetivo de pesquisar o sentido que os indivíduos propõem aos objetos, pessoas e símbolos com os quais interagem no meio social (BLUMER, 1969).

Assim, é visto como uma das formas de se interpretar as percepções das pessoas, o significado e o sentido que elas dão às coisas e como estes relatos se relacionam com as experiências vivenciadas (SANTOS, 2008).

Segundo Lopes e Jorge (2005), essa teoria desenvolve uma pequena análise por estudar as interações interindividuais, a negociação individual e a reação do outro, levando às atividades interpretativas, determinadas pela situação e interação das pessoas. Para a compreensão da perspectiva teórica, é indicada a compreensão de conceitos pertinentes à sua interação, tais como mente, *self*, coisas, símbolos, linguagem, sociedade, ação humana e atividade grupal. Esses conceitos centrais servem de base para a compreensão das ideias meadianas sobre o interacionismo simbólico.

1.3.1 Símbolo

É o ponto principal do interacionismo simbólico. São os objetos sociais utilizados pelo indivíduo para a representação e a comunicação. Essa comunicação é realizada por símbolos que têm seu significado entre os indivíduos e pela interpretação desses símbolos. Dessa forma, ocorre a interação social. Por meio dos símbolos, os indivíduos se socializam, compartilham da mesma cultura e compreendem qual é o seu papel na sociedade. O símbolo é usado para pensar, comunicar e representar (BLUMER, 1969).

Através da interação simbólica, os significados são atribuídos e desenvolvidos na realidade. O mundo é composto de símbolos que são vistos e interpretados de diversas formas, sendo a sociedade é desenvolvida por símbolos significantes (CHARON, 1995; LITTLEJOHN, 1992).

Sob este prisma, os significados da menstruação são interpretados e influenciados de diversas formas pelas mulheres, bem como o processo de interação dessas mulheres com os

símbolos e com suas concepções da menstruação é definido de acordo com suas crenças e culturas.

1.3.2 *Self*

Neste conceito, Mead sinaliza que o indivíduo age socialmente com relação a outras pessoas e interage socialmente consigo mesmo de maneira equivalente. Assim, pode tornar-se o objeto de suas próprias ações dentro da sociedade que, segundo Mead, antecede a existência do *self*. A sociedade é vista como um contexto em que o *self* surge e se desenvolve (HAGUETTE, 1990).

O *self* representa um processo social dentro do indivíduo, sendo composto por duas distintas fases que são representadas pelo Eu e pelo Mim:

- a) o Eu é a tendência impulsiva do indivíduo. É o aspecto inicial, espontâneo e desorganizado da experiência humana. Representa a experiência e não se submete ao controle das regras estabelecidas em grupo (HAGUETTE, 1990; MEAD, 1962);
- b) o Mim é visto como o “outro” sendo incorporado ao próprio indivíduo. Dessa forma, é um conjunto organizado de atitudes e definições, compreensões e expectativas comuns ao grupo do indivíduo. O Mim compreende o outro generalizado (HAGUETTE, 1990; MEAD, 1962).

Mead relata, a partir do *self*, o surgimento do Mim – “assumir o papel do outro” – e, ao integrá-lo com outros conceitos e significados, o substitui por “adotar a perspectiva do outro”, tido como mais adequado (GONÇALVES; FERREIRA, 2013).

Nesse sentido, pode-se inferir que as mulheres interagem com elas mesmas em relação à menstruação e agem de determinadas formas a partir de suas compreensões sobre o fenômeno da menstruação. Além disso, assumem a perspectiva do outro, analisam as relações de cuidado e apoio entre as mulheres no que diz respeito à menstruação e alteram suas compreensões sobre a menstruação se necessário, podendo a menstruação ocupar um papel central ou relevante em suas vidas, tornando-se determinante para essas mulheres.

1.3.3 Mente

A mente é a representação simbólica para o *self*, e se inicia da interação com os outros, dependendo de ambos (CHARON, 1995). Ocorre quando o indivíduo interage consigo mesmo utilizando significantes símbolos. Esta significância ou sentido é também social em sua origem. A mente também é social, tanto em sua origem como em sua função, porque ela surge do processo social de comunicação (HAGUETTE, 1990).

Em outras palavras, o indivíduo, ao fazer alguma coisa, age em seu mundo e se comunica com o *self* pelos símbolos. O seu mundo é transformado devido às definições de mundo interpretado pela mente, sendo interpretado pelo próprio indivíduo os objetos (SANTOS, 2008).

Na perspectiva interacionista, as mulheres agem consigo mesmas em seu mundo, comunicam-se com o *self* e podem realizar transformações em relação a como a menstruação é influenciada em suas vidas.

1.3.4 Interação social

Neste conceito, os indivíduos são como atores que se relacionam, interpretam e se comunicam. Dessa maneira, havendo a interação entre os indivíduos, os próprios se transformam em objetos sociais uns para os outros. Há a utilização dos símbolos, do *self*, a ação mental; ocorre a tomada de decisões, redirecionamento de direções, perspectivas, realidade e assume-se o papel do outro. E para que ocorra a interação, deve haver a existência de todos esses fatores (CHARON, 1995).

A interação social é desenvolvida a partir da ação social. Essa ação é definida de acordo com cada situação. Os indivíduos agem de acordo com cada interpretação da situação. Desse modo, a interação simbólica envolve interpretação, definição e ocorre entre as pessoas envolvidas (SANTOS, 2008).

As mulheres, ao interagirem com as outras mulheres e com o seu meio social, definem relações e receberão as influências deste processo interativo com o ciclo menstrual.

1.3.5 Sociedade

A sociedade é definida como toda atividade grupal baseada em uma conduta cooperativa. O comportamento humano envolve uma resposta às intenções dos outros. Essas intenções são transmitidas através de gestos que se tornam simbólicos, ou seja, suscetíveis de serem interpretados (HAGUETTE, 1990). Além disso, é considerada um dos conceitos principais para o interacionismo simbólico, formada por indivíduos que interagem uns com os outros e pelas atividades desses indivíduos que ocorrem como resposta de um ao outro (CHARON, 1985).

Através da interação das mulheres com o seu grupo social, a menstruação será influenciada e refletirá na relação com o seu mundo.

Observa-se que a interação social e a sociedade estão intensamente relacionadas. Porém, dois conceitos são muito importantes na sociedade: o de cultura e de estrutura social.

A cultura é o costume, a tradição, o valor, sendo derivada da ação das pessoas. E assim, a sociedade desenvolve cultura a partir desse componente de pessoas que interagem, havendo concordâncias, divergências, a linguagem, o conhecimento diverso e as regras que se supõe governarem a ação. A sociedade, para os interacionistas, é dinâmica, pois os indivíduos interagem uns com os outros, além de direcionar e auxiliar ações entre eles (SANTOS, 2008)

1.4 **Relação da menstruação com o interacionismo simbólico**

O interacionismo simbólico é uma perspectiva da psicologia social, ciência social que retrata a ação do ser humano na relação com o mundo, centraliza a natureza da interação e a dinâmica social entre as pessoas. É vista como a mais ampla perspectiva sobre o papel da comunicação em sociedade (CHARON, 1995; LITTLEJOHN, 1992).

De acordo com Lopes e Jorge (2005), o interacionismo simbólico é bem sucedido no campo da enfermagem por ser uma teoria em que o significado é visto como o conceito central, no qual tanto as ações individuais quanto as ações coletivas são desenvolvidas a partir da interação entre as pessoas que, definindo situações, agem no contexto social a que pertencem. Assim, o seu ciclo menstrual, de acordo com a cultura, os costumes e as relações da mulher, será representado e percebido de certa forma, podendo ter vários significados para

essa mulher. A implantação da teoria interacionista, tanto no ensino como na prática das pesquisas de enfermagem, busca expandir seus conhecimentos para o desenvolvimento de ações e estratégias direcionadas a um relacionamento interativo e humanizado entre os indivíduos.

Observou-se também que o interacionismo simbólico se preocupa com os aspectos internos do comportamento humano, ou seja, como as pessoas definem eventos, situações ou a realidade e como agem em relação às suas crenças, costumes e valores (LOPES; JORGE, 2005).

Na perspectiva do interacionismo simbólico, o significado que a pessoa confere a uma situação vivenciada, como no caso da menstruação, inicia-se da interação e da interpretação que se faz dessa situação, podendo o profissional de enfermagem ter um papel de mediador junto à mulher e à sua família na busca de facilitar tal significação por meio de um cuidado mais qualificado e humanizado (LOPES; JORGE, 2005).

As premissas do interacionismo simbólico podem ser empregadas e correlacionadas de acordo com os objetivos desta dissertação de mestrado:

- a) a mulher age em relação à menstruação com base no sentido ou significados que esta tem para ela. É dessa forma que a menstruação influencia sua vida e seu cotidiano;
- b) o significado/sentido da menstruação é construído ao longo do processo de interação social que a mulher tem com seu meio, principalmente com outras mulheres;
- c) o significado/sentido da menstruação pode ser manipulado e modificado por um processo interpretativo, utilizado pelas próprias mulheres para tratar com as situações e vivências que elas encontram em sua vida.

Assim, entender esse sentido/significado torna-se ponto fundamental para as ações de cuidado do enfermeiro. O presente estudo, partindo desse pressuposto, vai em busca desse entendimento, acreditando estar aqui uma importante contribuição para a prática da enfermagem.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é parte integrante de um estudo amplo que analisa a menstruação como um fenômeno da vida de mulheres na perspectiva do interacionismo simbólico.

2.1 Natureza do estudo

O estudo proposto é descritivo, qualitativo e visa a explorar diferentes aspectos das experiências de vida das participantes. Optou-se por abordagem qualitativa, baseada nos pressupostos da *Grounded Theory*, por oferecer elementos para a discussão e análise dos dados de modo comparativo constante dos resultados (GLASER, 1992).

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva e os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem, ou seja, segundo Martins e Bicudo (1989), a pesquisa qualitativa lida com fenômenos, eventos cujo sentido existe apenas num âmbito particular e subjetivo.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

2.2 *Grounded theory*

A *Grounded Theory* é uma abordagem metodológica utilizada na pesquisa qualitativa, que tem como origem o interacionismo simbólico (NICO et al., 2007).

A *Grounded Theory* foi desenvolvida por dois sociólogos: Barney Glaser (Universidade de Columbia) e Anselm Strauss (Universidade de Chicago). Glaser, enquanto fazia análises qualitativas, via a necessidade de realizar comparações entre os dados, a fim de identificar, desenvolver e relatar conceitos. Já Strauss, influenciado pelos interacionistas, contribuiu para o desenvolvimento da *Grounded Theory* nos seguintes aspectos:

- a) necessidade de ir ao campo para descobrir o que está ocorrendo;
- b) relevância da teoria, baseada nos dados, para o desenvolvimento de uma disciplina e como a base da ação social;
- c) complexidade e variabilidade do fenômeno e da ação humana;
- d) crença de que as pessoas são atores, possuindo um papel ativo em resposta às situações problemáticas;
- e) compreensão de que as pessoas atuam na base do significado;
- f) compreensão de que o significado é definido e redefinido por meio da interação;
- g) sensibilidade para o envolvimento e desdobramento com a natureza dos eventos (processo);
- h) consciência da inter-relação entre condições (estrutura), ação (processo) e consequências (STRAUSS; CORBIN, 1998).

Glaser e Strauss descreveram esta metodologia com a intenção de estudar modelos fundamentais conhecidos como um processo sociopsicológico básico, capaz de descrever variações na interação ao redor do fenômeno ou problema. Esta abordagem tem suas origens nas ciências sociais, principalmente no interacionismo simbólico da psicologia social e da sociologia. Possui como objetivo criar uma teoria sobre o fenômeno social e psicológico (CHENITZ; SWANSON, 1986).

Além disso, para eles, essa metodologia consiste na descoberta e no desenvolvimento de uma teoria a partir das informações obtidas e analisadas sistematicamente e comparativamente. É uma estratégia para desenvolver os dados em pesquisa, que proporciona modos de conceituação para descrever e para explicar (GLASER; STRAUSS, 1967).

É uma abordagem ao estudo dos processos e estruturas sociais, com a principal finalidade de gerar explicações abrangentes dos fenômenos, fundamentadas na realidade. Foi

fortemente influenciada pela perspectiva teórica do interacionismo simbólico, que enfoca a maneira pela qual as pessoas dão sentido às interações sociais e as interpretações que atribuem aos símbolos sociais, tais como a linguagem. Strauss era adepto da realização de estudos com foco em processos de interação, condutas humanas e papéis sociais, embasados no interacionismo simbólico (ENGWARD, 2013; POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

Devido às contradições em relação aos procedimentos metodológicos da *Grounded Theory*, Glaser e Strauss se separaram, resultando no direcionamento de suas perspectivas teóricas sobre a metodologia de maneiras distintas. As polaridades apresentadas deram origem a três vertentes: clássica ou glaseriana, straussiana (também chamada relativista ou subjetivista) e construtivista (HUNTER, 2011; SANTOS et al., 2016).

2.3 Operacionalização da pesquisa

Os participantes do estudo foram 23 mulheres maiores de 20 anos, por já estarem inseridas em um ambiente universitário, cenário da pesquisa; que têm ou tiveram ciclos menstruais regulares.

No que concerne ao cenário de pesquisa, as mulheres tiveram a oportunidade de escolher o local da entrevista dentro do cenário inserido no *campus* de uma universidade pública situada na cidade do Rio de Janeiro, tendo ocorrido em um local aberto, como em um jardim, ou em uma sala de aula vazia.

Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada com base em roteiro próprio contendo questões de caracterização das informantes e uma proposição desencadeadora, qual seja: “Me conta como foi a primeira vez que você ficou menstruada”. Temas adicionais foram apontados para inclusão caso não abordados espontaneamente pelas entrevistadas.

As mulheres foram incentivadas a falar abertamente sobre o assunto e frases como: “você pode explicar melhor?”, ou “me conte mais sobre esse ponto” proporcionaram maior impulso ao entrevistador para a coleta das informações. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente pela autora.

Como descrito anteriormente, as mulheres foram orientadas a, livremente, descreverem melhor sobre o fenômeno da menstruação e suas influências de acordo com o seguimento da entrevista semiestruturada, de forma tranquila e sem constrangimentos.

Para a complementação no processo de coleta de dados, foram incluídas notas de campo dos pesquisadores que ditaram sobre suas impressões pessoais, dúvidas e interpretações preliminares observadas ou sentidas (MORSE et al., 2002). Essa complementação encontra-se em conformidade com a *Grounded Theory*, e compõe a elaboração de notas que são classificadas (GLASER, 1992; VARGENS, 1997) como a seguir:

- a) notas do pesquisador: são os registros livres do pesquisador, principalmente sobre os dados obtidos e sobre todo o processo de construção da pesquisa;
- b) notas metodológicas: formam o registro das ideias e estratégias a serem seguidas, testadas ou deixadas de lado ao longo do processo de obtenção e análise dos dados;
- c) notas teóricas: consistem no registro das hipóteses ou proposições levantadas para servirem de auxílio para a pesquisa.

A análise de dados, segundo as características metodológicas da *Grounded Theory*, teve as seguintes etapas, conforme sintetizadas por Vargens (1997):

- a) transcrição das entrevistas: a transcrição foi realizada de acordo com as seguintes regras: realizada pelo próprio entrevistador imediatamente após sua realização. Após a transcrição, o texto foi lido pelo pesquisador ao mesmo tempo em que ouvia a gravação. Nesse momento, a linguagem foi adequada e atentou-se para as regras gramaticais;
- b) distribuição vertical do conteúdo dos depoimentos: consistiu em separar cada frase, procurando sempre manter seu sentido lógico no texto total, de modo a analisá-las uma a uma, utilizando-se recursos de organização de parágrafos do *Microsoft Word*, conforme pode ser visto no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Distribuição vertical do conteúdo dos depoimentos

Texto da entrevista	Distribuição vertical
A primeira experiência foi muito ruim. Eu fiquei menstruada aos 10 anos, não estava bem preparada. Minha mãe também não foi bem preparada e, em consequência, ela tinha certos tabus para conversar sobre isso. Sentia muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não. Para mim, ficar menstruada na fase da adolescência é como se fosse uma enfermidade, não podia fazer nada, sentia tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava, era uma frustração. Eu pensava, “está chegando o dia”, e era um caos. Alguns médicos diziam que era psicológico, mas eu não concordava, não via nada de psicológico nisso. A experiência foi ruim, mas ao longo dos anos eu fui aprendendo.	A primeira experiência foi muito ruim.
	Eu fiquei menstruada aos 10 anos, não estava bem preparada.
	Minha mãe também não foi bem preparada e, em consequência, ela tinha certos tabus para conversar sobre isso.
	Sentia muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não.
	Para mim, ficar menstruada na fase da adolescência é como se fosse uma enfermidade.
	Não podia fazer nada, sentia tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava.
	Era uma frustração.
	Eu pensava, “está chegando o dia” e era um caos.
	Alguns médicos diziam que era psicológico, mas eu não concordava, não via nada de psicológico nisso.
	A experiência foi ruim.
Mas ao longo dos anos eu fui aprendendo.	

Fonte: A autora, 2019.

Este procedimento foi também muito importante para o passo seguinte, a codificação aberta:

- c) codificação aberta: obedecendo ao preconizado pelo método, procurou-se ter o cuidado de atribuir sentido a cada sentença, usando para isso a estratégia de empregar sempre verbos no gerúndio, preferencialmente o mesmo verbo empregado pelas informantes (Quadro 2):

Quadro 2 – Codificação aberta do conteúdo dos depoimentos

Distribuição vertical	Codificação aberta
A primeira experiência foi muito ruim.	A primeira experiência sendo muito ruim.
Eu fiquei menstruada aos 10 anos.	Ficando menstruada aos 10 anos.
Não estava bem preparada.	Não estando bem preparada.
Minha mãe também não foi bem preparada.	Dizendo que a mãe também não foi bem preparada.
Ela tinha certos tabus para conversar sobre isso.	Tendo certos tabus para conversar sobre isso.
Sentia muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não.	Sentindo muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não.
Para mim, ficar menstruada na fase da adolescência é como se fosse uma enfermidade.	Entendendo o ficar menstruada como uma enfermidade.
Não podia fazer nada, sentia tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava.	Não podendo fazer nada, sentindo tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava.
Era uma frustração.	Entendendo o ficar menstruada como uma frustração.
Eu pensava, “está chegando o dia”, e era um caos.	Pensando que estava chegando o dia e era um caos.
Alguns médicos diziam que era psicológico, mas eu não concordava, não via nada de psicológico nisso.	Dizendo que alguns médicos falavam que era psicológico.
A experiência foi ruim.	Sendo uma experiência ruim.
Mas ao longo dos anos eu fui aprendendo.	Foi aprendendo ao longo dos anos.
Porém, só foi melhorar mesmo depois que comecei a tomar anticoncepcional.	Melhorando mesmo depois que começou a tomar anticoncepcional.

Fonte: A autora, 2019.

- d) categorização provisória: foram agrupados os códigos afins, procurando encontrar uma expressão que pudesse representar a ideia ou os significados contidos em cada grupo constituído, conforme pode-se observar no Quadro 3:

Quadro 3 – Categorização provisória

Códigos afins	Categorização provisória
A primeira experiência sendo muito ruim.	Vivendo uma experiência ruim.
Não estando bem preparada.	
Sendo uma experiência ruim.	
Dizendo que a mãe também não foi bem preparada.	Mãe não orientando / Amigas/Escola orientando.
Tendo certos tabus para conversar sobre isso.	
Entendendo o ficar menstruada como uma enfermidade.	Tendo sinais e sintomas negativos.
Sentindo muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não.	
Não podendo fazer nada, sentindo tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava.	
Entendendo o ficar menstruada como uma frustração.	
Pensando que estava chegando o dia e era um caos.	
Dizendo que alguns médicos falavam que era psicológico.	Sabendo sobre a menstruação/ Não tendo dificuldades.
Foi aprendendo ao longo dos anos.	
Melhorando mesmo depois que começou a tomar anticoncepcional.	
Ficando menstruada aos 10 anos.	Iniciando a menarca e de que forma acontecendo.

Fonte: A autora, 2019.

- e) categorização efetiva: a organização, densificação e redução destas categorias provisórias culminaram por definir nas categorias efetivas e, como desdobramento, na integração e correlação entre as categorias (Quadro 4):

Quadro 4 – Categorização efetiva

Subcategorias	Categorização efetiva
Lidando com o desconhecido e inesperado.	1ª Categoria: A chegada de algo inesperado e desconhecido que ficará para sempre...
Carregado de aspectos negativos, inclusive a vergonha.	
Ficará para sempre por ser natural à mulher.	
Sentimento de empoderamento.	
Orientações dadas pela mãe e outros contatos (amigas, familiares, escola...).	2ª Categoria: A influência dos outros na vivência/experiência da menstruação.
Parceiro.	
O conhecimento do corpo e a relação consigo mesma e com o mundo à sua volta.	3ª Categoria: O conhecimento do corpo e a relação consigo mesma e com o mundo à sua volta.
Na vida pessoal.	4ª Categoria: Reconhecendo e lidando com as influências na vida.
Na vida familiar.	
Na vida social.	
Na vida profissional.	
Na vida sexual.	

Fonte: A autora, 2019.

- f) codificação axial: consistiu na identificação do contexto, dos fatores causais ou intervenientes, das estratégias e das consequências para a descrição destas correlações entre as categorias construídas (STRAUSS; CORBIN, 1998);
- g) identificação da categoria central representativa do processo ou do fenômeno alvo deste estudo: foram realizadas todas as tentativas de representação esquemática do processo, com suas respectivas buscas de validação;
- h) busca seletiva de literatura: consistiu em levantamento e análise de referências bibliográficas para efeito de comparação específica na validação das proposições: as proposições teóricas foram oriundas dos dados concretos no processo de análise e não de extensa revisão bibliográfica prévia.

2.4 Aspectos éticos

O estudo foi realizado em conformidade com a Resolução n° 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2013), e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ANEXO) sob Parecer n° 1.507.975 e CCAE n° 55209016.40000.5282. As mulheres entrevistadas, com idade entre 20 e 72 anos, que possuem ou possuíram ciclo menstrual regular, receberam informações escritas e orais sobre o objetivo do estudo, sua abordagem, como o material a ser utilizado; participaram de forma voluntária e foram informadas de que a qualquer momento poderiam retirar-se. O consentimento informado foi assinado (APÊNDICE B). O material foi confidencial e não identificável.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Categoria 1: A chegada de algo inesperado e desconhecido que ficará para sempre...

A categoria “A chegada de algo inesperado e desconhecido que ficará para sempre...” interpreta o fenômeno da menstruação justamente como algo que muitas vezes foi orientado, mas, pelo fato de não haver uma data especificada de sua chegada e fazer parte do período de transição da mulher da infância para a fase da adolescência/fase adulta, torna-se inesperado e desconhecido, por ser algo novo, que fica marcado na vida das mulheres, pois é algo de sua fisiologia, entretanto, é natural e pode trazer o seu empoderamento feminino.

Porém, outras vezes, não houve orientação por parte da mãe; o apoio foi ofertado de outras partes, levando a sentimentos, como, por exemplo, à vergonha. Estão inclusas nesta categoria as subcategorias: “Lidando com o desconhecido e inesperado x orientação e apoio da família”, “Carregado de aspectos negativos, inclusive a vergonha”, “Ficará para sempre por ser natural à mulher” e “Sentimento de empoderamento”.

3.1.1 Subcategoria 1: Lidando com o desconhecido e inesperado

A menstruação para algumas das mulheres aconteceu como algo inesperado, vindo como um sinal/sintoma diferente para o seu organismo, ou seja, são fatos marcantes para a transição da fase infantil para a fase da adolescência/adulta da mulher.

Por exemplo, uma das entrevistadas estava em casa se preparando para ir à escola e precisou ir ao banheiro. Nesse momento, identificou algo estranho porque foi ao banheiro com uma amiga e percebeu uma “borra escura”.

Fiquei com 9 anos e foi estranho porque eu fui no banheiro com uma amiga e percebi uma “borra escura”, até então não sabia se era sangue, mas depois conversando com minha mãe, descobri que era a menstruação (E6).

Já em outra situação, uma menina estava brincando no balanço e um coleguinha virou e disse que estava sangrando.

Eu estava no balanço, meu coleguinha virou e disse que eu estava sangrando, foi com 10 anos, eu saí correndo para minha mãe, achando que tinha me machucado (E17).

A menstruação, para muitas mulheres, aconteceu em sua vida de maneira inesperada e até mesmo assustadora, pois muitas vezes não possuíam conhecimento, foram surpreendidas e muitas vezes a experiência não foi agradável. Conseqüentemente, por desconhecerem os sinais e sintomas decorrentes da menstruação (se sentiriam cólicas ou outro sintoma característico), ficaram com medo.

Por ser uma fase de ocorrência da transição da infância para a fase da adolescência, algumas se viam como meninas, ainda crianças e adoravam brincar. Em um dos casos, enquanto estava brincando com uma prima, esta gritou: “Pai, corre aqui, minha prima está sangrando pelas pernas” (E13); outra estava brincando e sentiu que havia se ferido, saiu correndo para a mãe, achando que tinha se machucado, sendo estranho para ela.

Segundo Bertoni et al. (2011), a menarca é um momento significativo e, na maioria das vezes, repleto de diversos sentimentos e sensações, como a surpresa, o medo e a vergonha.

Para Diogenes (2000), a menarca significa que a mulher jovem já está capacitada, pronta de forma biológica para a reprodução. Porém, esse acontecimento é visto pela mulher como algo traumático, por não compreender exatamente o que está acontecendo.

Diogenes (2000) também informa que a menarca deveria ser vista de forma positiva, se a mulher fosse instruída corretamente, pois a menstruação representa a feminilidade da mulher.

Omari, Razeq e Fooladi (2016) informam que a menarca é também um evento significativo na vida da mulher, pois geralmente ocorre em um conturbado momento de desenvolvimento emocional, na adolescência em que há conflitos com a identidade, a autoimagem, as mudanças de humor, os problemas familiares e até mesmo a depressão. Além disso, a menarca, vista como o final da fase de desenvolvimento físico de uma mulher, por iniciar-se de maneira inesperada, resulta em conflitos emocionais que permanecerão por muito tempo na lembrança, gerando um efeito psicológico frequentemente associado às atitudes relacionadas à menstruação, ao comportamento de saúde e à imagem corporal da mulher.

Ratti et al. (2015) relatam que, no que diz respeito à menstruação, por ser ainda algo inesperado, muitas mulheres vivenciam os sinais e sintomas específicos de maneira única e pessoal, pois são alterações vinculadas ao seu contexto biológico, psicológico, nutricional e

ambiental, sendo também relevantes o apoio e as orientações dadas pela família. A mulher durante este período pode apresentar diversas alterações físicas: dismenorreia, dor nos seios, edema; e comportamentais: irritabilidade, desconforto e tristeza.

3.1.2 Subcategoria 2: Carregado de aspectos negativos, inclusive a vergonha

Certas mulheres reagiram diante da menarca de maneira negativa, sendo uma experiência traumática ficar menstruada tão cedo, não sendo uma boa vivência, não sendo algo que se goste de vivenciar diariamente. A menarca foi vivenciada como uma experiência negativa, pois algumas mulheres entrevistadas não estavam bem preparadas, ainda eram crianças, muito novas, como é abordado em seguida.

Não, mas naquela época eu não tinha as explicações que temos hoje, o diálogo era mais difícil, minha mãe, sei lá, tinha vergonha de falar sobre isso. Eu acho que como fiquei menstruada muito cedo, com 10 anos, minha mãe achou que teria tempo de me preparar, mas não deu tempo, então ela não me preparou (E17).

Além disso, tiveram também um sentimento de insegurança, pois, como não sabiam exatamente como colocar o absorvente, colocaram-no de forma inadequada, havendo o pensamento de poder de repente sujar-se.

Acho que traz um sentimento de insegurança, a gente fica pensando que pode sujar de repente e isso traz insegurança. Mas é uma da natureza e a gente não pode fazer nada (E17).

A questão da vergonha, de ser mantido em segredo, aponta que a menstruação foi vista como algo que deveria ser escondido, ser mantido em segredo devido ao sentimento de constrangimento. Por se iniciar na fase da transição da infância para a adolescência, em alguns dos relatos, as mulheres comentaram que esconderam de todo mundo, inclusive da mãe, que haviam menstruado. Em um dos casos, a mãe soube somente após quase um ano da menstruação da filha. depois de muito tempo que a minha mãe viu e então a filha contou e a mãe reagiu chorando, pois a filha escondeu sobre a menstruação devido à vergonha.

Eu escondi de todo mundo. Eu escondi. Minha mãe só foi saber quando tinha quase um ano. Minha mãe trabalhava e eu ficava com a minha irmã que tinha 18 anos. Eu tinha 12 e a minha cunhada já morava com a gente. Minha cunhada e eu tínhamos a

mesma idade. E só ela sabia e foi ela quem me ajudou. Ela comprava os absorventes pra mim, dizia que era pra ela e eu usava os dela. Depois de muito tempo que a minha mãe viu e então eu falei. Minha mãe chorou porque não tinha necessidade de esconder, mas eu fiquei com vergonha (E19).

Em outra situação, a vergonha foi devido à presença de muitos homens em casa. Eram quatro rapazes e o pai, sendo então cinco homens, e quando a irmã mais velha ficou menstruada, os irmãos espalharam para todo mundo. Quando os irmãos sabiam de algum vestígio, constrangiam a irmã, que preferiu então não contar para ninguém.

Foi, porque lá em casa tinha muito homem. Eram quatro rapazes e mais o meu pai, então eram cinco homens. Então, quando a minha irmã ficou menstruada, meus irmãos espalharam para todo mundo, e toda vez que eles sabiam de algum vestígio, alguma coisa, eles zoavam dela. Então, para eu não ser zoada, até quando a gente tinha a mesma idade, eu não falei para ninguém... pra ninguém me zoar... para ninguém falar assim: “Ah, coitada” ou “Ela está nesses dias”. Eles falavam com os amigos todos... Então, foi por isso que eu fiquei quase um ano e só depois falei com a minha mãe (E19).

Porém, para Amaral (2003), a vergonha justifica-se devido ao novo papel assumido pela mulher, que é o papel sexual, pois com a menarca os caracteres sexuais secundários da mulher desenvolvem-se e a sociedade passa a vê-la diferentemente.

De acordo com Bandeira (2014), a violência, sobretudo a de gênero, origina-se com as desigualdades norteadas principalmente pela condição do sexo feminino submisso ao masculino, geralmente iniciada dentro do próprio universo familiar da mulher, onde as relações de gênero são um modelo para todas as relações hierárquicas. As ações de violência de gênero muitas vezes são reproduzidas em contextos e espaços relacionais próprios da mulher e, portanto, interpessoais.

Diogenes (2000) relata que a menarca pode ser vista como algo negativo se a mulher não for bem preparada para a menstruação, podendo ser até mesmo um acontecimento traumático se a família não tratar a menstruação como algo natural e que deva fazer parte da vida da mulher. A menarca, para a adolescente, quando não há a orientação de que é algo que deve ser visto como normal, pode proporcionar um traumatismo emocional, com sérias consequências desagradáveis para o futuro.

O desconhecimento em relação à menstruação ainda pode ser visto como um tabu para as mulheres. O sentimento da vergonha de estar menstruada é visto como algo ruim, como se a própria mulher tivesse culpa do que aconteceu com ela, ou seja, estar menstruada (DIOGENES, 2000).

Para Fahs (2014), as mulheres encontram formas negativas para esconderem a menstruação, pois ainda a veem como algo que deve ser escondido, é vergonhoso, é estressante e possui tabus.

Alguns autores ainda retratam a menstruação através de barreiras impostas pelos comerciais de televisão e propagandas que instruem as mulheres a esconderem o sangue considerado sujo, impuro ou a simplesmente utilizarem os medicamentos contraceptivos para impedir e suprimir seus períodos menstruais considerados problemáticos (FAHS, 2014; JOHNSTON-ROBLEDO; BARNACK; WARES, 2006).

Jackson e Falmagne (2013) afirmam que na sociedade contemporânea dos Estados Unidos há ainda tabus em relação à menstruação, manifestados implicitamente e por meio de regras socioculturais, mostrando como se deve lidar com a menstruação. Além disso, existem discursos dominantes referentes à menstruação que são considerados negativos, uma vez que induzem nas mulheres a ideia de que necessitam ficar escondidas e ser controladas em sua higiene, pois a menstruação é vista como algo que causa vergonha.

Para muitas mulheres, relacionado ao fato de estarem menstruadas, há o temor de como as outras pessoas poderiam reagir diante de sua mudança corporal (JACKSON; FALMAGNE, 2013).

Além disso, esses mesmos autores relataram que as mulheres consideravam que a menstruação não era algo para ser discutido com as amigas, quando eram jovens, sendo um assunto privado que não era para ser compartilhado entre as pessoas. Isso então reflete a noção cultural de que falar sobre menstruação deve ser limitado ou algo a ser escondido. A intenção de evitar chamar a atenção para as práticas de manutenção menstrual surgiu através do medo das mulheres, principalmente as mais novas, de serem ridicularizadas ou se sentirem envergonhadas, mais especificamente pelos meninos – que tipicamente veem a menstruação de forma mais negativa – do que pelos homens mais velhos (JACKSON; FALMAGNE, 2013).

Para Chrisler (2011), há o poder de uma “regra” em que a menstruação deve ser mantida em segredo, bem como o fato de que as mulheres mais jovens, no caso as adolescentes, que são as mais vulneráveis, recebem colocações de vergonha e embaraço relacionadas ao tema menstrual.

Souza (2017) relata que o período menstrual já era escrito nas passagens da Bíblia; por exemplo, em Levítico, é visto como um período impuro. A sociedade ocidental cristã por esses escritos é influenciada, pela concepção do corpo da mulher que estigmatiza o sangue menstrual. Até os dias de hoje, são fortes os resquícios da postura da sociedade diante do

assunto, que continua sendo um tema vergonhoso e constrangedor para muitas pessoas, de diferentes gerações.

3.1.3 Subcategoria 3: Ficaré para sempre por ser natural à mulher

Para algumas mulheres, a menstruação significa algo que já é considerado normal, rotineiro. Inicialmente, não reagiram muito bem, mas posteriormente foram se acostumando, sendo tranquilo, passando depois a ser regular. Uma das participantes do estudo não se assustou, não se desesperou, e sua vivência foi totalmente tranquila.

Por fazer parte da vida, para uma das entrevistadas, atualmente a menstruação não tem grandes influências, sendo uma experiência tranquila e em que se sente bem. Outra mulher diz que faz parte do ciclo, que o vivencia naturalmente e está acostumada. Algumas mulheres relatam que, por ser algo normal hoje em dia, até já esperam a menstruação vir mensalmente, pois já é algo que faz parte de suas vidas e, assim, a menstruação é tranquila. Outra mulher também relatou que agia naturalmente durante a menstruação porque já sabia que viria, não tendo grandes dificuldades, vendo a menstruação como uma normalidade.

Pra mim é importante e eu não sinto nenhum desconforto, então talvez isso possa influenciar na forma como eu vejo a menstruação, mas eu me sinto super bem, eu acho que faz parte do meu ciclo e eu levo isso numa boa (E8).

Já é uma coisa normal pra mim, já me acostumei, mas não é uma coisa que eu gosto no dia a dia, atrapalha em algumas coisas, na programação, às vezes aquele dia belo de sol e eu menstruada, mas já se tornou um hábito, hoje em dia é normal pra mim (E9).

Em outro relato, uma mulher vê a menstruação como algo positivo, pois, segundo ela, limpa o útero, e considera a menstruação positiva e natural, vendo-a até mesmo como um sinal de saúde. Outra informou que, por ser um processo fisiológico normal, significa que está bem de saúde.

Eu acho até bom porque limpa o útero, se não limpar, ou está grávida ou com qualquer doença, então, pra mim, é natural... É sim, sinal de saúde (E16).

Em estudo realizado no ano de 2000, Diogenes informava que a menstruação podia ser aguardada, ansiosamente, de maneira positiva e natural por algumas mulheres, por ser um

acontecimento que as fará iniciar sua sexualidade. Vale ressaltar que é algo novo e desejado, mas, da mesma forma, também é temida por ser inédita à sua vida. Nesse mesmo estudo, o autor concluiu que as mulheres que vivenciaram uma infância tranquila, em que foram orientadas sobre a menstruação e, conseqüentemente, sobre sua sexualidade e feminilidade, certamente aceitaram positivamente a menstruação e sua condição de mulher. Ainda para este autor, a menstruação está relacionada, muitas vezes, às impurezas do espírito. Há também alusão aos tempos bíblicos, mencionado em Levíticos, em que a menstruação significava símbolo de impureza.

Para Omari, Razeq e Fooladi (2016), a percepção da menstruação vista como um processo natural auxilia as mulheres a relacionarem a menstruação com a feminilidade, a sexualidade, a maternidade, e pode formar um vínculo maior entre mãe e filha.

Carvalho e Falkenbach (2009) viram, em seus estudos, que foi mais precisamente do final do século 19 para o século 20 que se tornou possível entender sobre a menstruação e seu mecanismo fisiológico, a partir da descoberta dos hormônios e da atividade endócrina do ovário, cuja repetição mensal resulta de uma falha reprodutiva. Além disso, constatou-se a redução da idade da menarca, quando as mulheres ocidentais passaram a menstruar mais precocemente entre 10 e 11 anos, pois cada vez mais cedo o peso necessário para desencadear a menarca é alcançado

3.1.4 Subcategoria 4: Sentimento de empoderamento

Para algumas mulheres, a menstruação lhes conferiu o empoderamento, sentindo-se mais seguras e confiantes, como pode ser percebido na fala de uma das mulheres que relatou que se sentia mais mulher; em outra fala, observa-se que a mulher se sente mais segura para o sexo, mais preparada.

[...] a única coisa é que me sinto mais mulher (E2).

É um processo fisiológico normal, significa que eu estou bem. A mulher se sente mais segura para o sexo, mais preparada (E22).

Jackson e Falmagne (2013) referem que, ao mesmo tempo em que a menstruação exige das mulheres comportamentos relacionados à restrição e ao controle, também pode ser

utilizada para empoderar, trazer segurança para aquelas mulheres que reconhecem a menstruação como algo positivo em sua vida.

Lee (2009) evidenciou que, enquanto muitas mulheres se sentiam contaminadas, sujas na menarca, tendo a menstruação como um processo sujo e vergonhoso e que de certa maneira invadiu seus corpos, outras mulheres associaram a menarca com a experiência de crescer fisiologicamente e entrar na condição de ser mulher.

Souza (2017) relatou que as mulheres estão mais empoderadas em relação ao uso dos absorventes e que houve uma evolução ao longo dos anos. Anteriormente, havia uma abordagem de informar sobre os incômodos da menstruação e oferecer o uso do absorvente como uma saída. Atualmente, o sangue menstrual é tratado com mais simplicidade, evidenciando o poder feminino de lidar com essas situações e desmistificando que as mulheres são menos capazes no período menstrual.

3.2 Categoria 2: A influência dos outros na vivência/experiência da menstruação

A categoria “A influência dos outros na vivência/experiência da menstruação” aborda, além da relação com a mãe, a intervenção de outros contatos, como as amigas próximas, os familiares e também a participação da escola nesse processo. Houve, ainda, a presença do parceiro, sendo esta relatada tanto positivamente no sentido de dar apoio, oferecer o devido suporte, como negativamente, optando o parceiro por se distanciar da mulher ou até mesmo ofendê-la. Esta última situação pode ser avaliada como uma forma de violência psicológica relacionada a uma questão de gênero. Embora nesta pesquisa tenhamos identificado essa questão, entendemos que, por sua complexidade, esta merece estudo aprofundado que deve ser realizado em outro momento.

As subcategorias envolvidas são: “Orientações dadas pela mãe e outros contatos (amigas, familiares, escola...)” e “Parceiro”.

3.2.1 Subcategoria 1: Orientações dadas pela mãe e outros contatos (amigas, familiares, escola...)

Analisou-se a importância do papel da mãe com relação à menstruação da filha, por meio de ajuda, orientação, visando, assim, tornar a menstruação mais tranquila para a mulher. A mulher, nesses casos, sente-se bem, pois já havia sido orientada pela mãe e, tendo ajuda, somente espera a menstruação acontecer, pois a mãe discutiu com ela o assunto. Ao conversar com a mãe, a menina descobre o que é a menstruação. A mãe, ao dizer que a filha já “ficou mocinha”, fala das responsabilidades, dos cuidados e da normalidade do ciclo menstrual.

Por outro lado, os relatos apontaram para a importância dada a outros membros da família, além da mãe, no papel de auxiliar as mulheres nessa nova vivência. Foi visto que em algumas ocasiões não foi a figura materna que se projetou para este auxílio. Para algumas mulheres, a ajuda foi dada pela irmã, pois a mãe trabalhava a maior parte do tempo. Para outras, o auxílio veio de outros familiares, como, por exemplo, primas que já haviam ficado menstruadas, que as orientavam e até compravam os absorventes, pois havia a vergonha. Em outros casos, a ajuda veio da figura paterna, ao comprar os absorventes para a filha.

Foi tranquilo porque eu já havia sido orientada pela minha mãe, estava perfeitamente orientada e foi só esperar acontecer, eu não me assustei, não me desesperei, foi tranquilo (E5).

Eu tinha 15 anos e a experiência foi tranquila porque a minha mãe já tinha trabalhado comigo sobre o assunto, então foi tranquila (E8).

Eu converso muito com as minhas filhas porque as duas mais velhas já ficaram menstruadas, então, antes de ficar eu conversei, falei que o corpo iria mudar, que teria que usar preservativo e tomar anticoncepcional se puder também (E1).

Eu tinha 14 anos já, foi interessante, eu estava na aula, no colégio. Cheguei em casa, só estava meu pai em casa, ele que teve que comprar absorvente. Eu não fiquei com vergonha porque minhas primas já tinham ficado menstruadas, já conhecia alguma coisa, minha mãe conversava comigo, foi tranquilo. Foi um pouco constrangedor, pois meu pai que teve que comprar o absorvente, mas ele se virou bem e trouxe pra mim. Não tive cólica, foi tranquilo, já esperava (E10).

Para Diogenes (2000), atualmente, as mulheres jovens, em sua maioria, não se sentem surpresas nem estigmatizadas quando iniciam a menstruação, pois foram orientadas pela mãe, irmãs ou amigas próximas. As informações são repassadas com muito mais facilidade do que antigamente, quando a menstruação era recebida de forma negativa, envolta em muitos mitos e tabus.

Segundo Jackson e Falmagne (2013), as mães geralmente são as primeiras pessoas que orientam as mulheres, embora muitas vezes também de forma negativa contribuam para manter a menstruação em silêncio, impondo restrições aos corpos femininos.

Omari, Razeq e Fooladi (2016) relatam que, em diversas culturas, a jovem que possui um conhecimento prévio e uma boa preparação – principalmente dada pela mãe – para a menarca provavelmente terá uma experiência positiva de vida. Para a maioria das mulheres, a mãe é a primeira pessoa a ser cotada para informar sobre a situação, havendo uma resposta e um retorno positivo na maioria das vezes. Além disso, esses autores dizem que as jovens que tiveram um conhecimento prévio sobre a menarca vivenciaram menos surpresas e emoções e estiveram mais bem preparadas para experienciar e controlar a menstruação sozinhas do que as mulheres que não receberam informação.

Algumas mulheres, por não terem recebido orientações da mãe, procuraram ajuda/orientações através de outros meios, seja pelas amigas ou através da escola; ouviram falar a respeito com as colegas, com os professores explicando o ciclo menstrual. Para outras, a primeira vez que ouviram sobre este assunto foi apenas com amigas, que até mesmo as orientaram sobre como usar o anticoncepcional.

Pra mim não foi assustador não, foi até um momento de felicidade porque eu fiquei mocinha, minha primeira menstruação foi aos 11 anos e não houve susto, apesar dos meus pais não conversarem muito sobre isso, mas eu já ouvia falar a respeito com as minhas coleguinhas, fiquei tranquila, já esperava (E12).

Rembeck e Gunnarsson (2006) relatam que os educadores auxiliam como fonte de informações para as mulheres jovens quanto à menarca, contudo, essas mensagens são baseadas, na maior parte das vezes, no controle higiênico da menstruação e produtos sanitários. As informações que promovem o sigilo são guiadas por materiais educacionais e de publicidade para os produtos de higiene menstrual.

Para Omari, Razeq e Fooladi (2016), em algumas situações, as orientações sobre menstruação fornecidas pelas mães não ofereceram o auxílio necessário às filhas para prepará-las. Assim, apesar do sigilo e negatividade acerca da menarca e da menstruação, as mulheres procuraram buscar informações ouvindo conversas de adultos, através de irmãs mais velhas, amigas ou da escola.

Jackson e Falmagne (2013) informam que, embora muitas mulheres jovens tenham a necessidade de esconder e controlar a menstruação, também tiveram a presença de um grupo

de apoio entre as próprias amigas, em que encontraram um espaço seguro para discutir a menstruação de forma livre e sem preconceitos.

Malusu e Zani (2014) exemplificam que muitas meninas quenianas entram na escola mais tarde, tendo, muitas vezes, até mesmo menstruado, e que elas somente recebem orientações sobre o que é menstruação na escola durante as aulas de Biologia; porém, alguns professores do sexo masculino não se sentem à vontade para abordar assuntos relacionados a esse tema, ao passo que, com as professoras, as meninas têm um maior acesso e orientação.

O artigo de Omari, Razeq e Fooladi (2016) relata que, na escola, a professora transmite durante as aulas orientações sobre a puberdade e sobre a menstruação significar a maturação física e o requisito para começar a se comportar de maneira “adulta”, momento a partir do qual não se deve mais agir de maneira infantil, e explica o desenvolvimento fisiológico da menstruação. Para algumas jovens, a escola é a única fonte de informação, pois não foram orientadas pelos pais, e os professores se tornam a principal fonte de conhecimento.

Esse sistema educacional, entretanto, pode justamente ser utilizado para modificar os aspectos negativos impostos pela sociedade e pela cultura, assim como quebrar o sigilo com o objetivo de orientar e preparar melhor as adolescentes em um momento que é considerado tão conturbado para as mulheres, em um ambiente de fácil acesso (OMARI; RAZEQ; FOOLADI, 2016).

Segundo Omari, Razeq e Fooladi (2016), as normas sociais e a cultura de qualquer sociedade induzem a forma como as jovens vivenciam a menarca e auxiliam as mulheres a projetarem a própria percepção pessoal. Uma cultura, com as suas específicas tradições e comportamentos, determina os aspectos socioculturais que podem ser positivos ou negativos em relação à menarca e à menstruação.

Omari, Razeq e Fooladi (2016) ainda contribuem informando que as percepções positivas da menarca e menstruação, de acordo com cada cultura, favorecerão o bom desenvolvimento da mulher até sua feminilidade.

3.2.2 Subcategoria 2: Parceiro

Os relatos da presença do companheiro na vida da mulher durante o período menstrual também foram bem relevantes, pois, por fazerem parte da vida delas, de alguma forma foram

importantes. De acordo com as falas das mulheres entrevistadas, alguns homens demonstraram compreensão, outros se afastaram da mulher durante o período menstrual e houve ainda relatos de esposos que sabem quando a mulher “está naqueles dias” devido à tensão pré-menstrual (TPM).

Observou-se, no entanto, situações em que o comportamento do parceiro foi percebido pela mulher como uma forma de agressão, sendo vistos como uma violência psicológica o ato de afastamento do companheiro e o fato de não ser bem vista por estar menstruada.

Meu marido não se incomoda, mas eu sim, não gosto. Parece que estou na água, nadando, acho estranho (E23).

Na vida afetiva, normal. O homem tem que compreender, apesar de o meu esposo já saber quando eu vou ficar menstruada. Quando estou de TPM, ele já sabe uma semana antes, então ele fica ali bem no banho-maria, bem tranquilinho. Mas às vezes ele tem mais paciência e outras vezes têm menos (E18).

Quando eu era casada, influenciava muito porque meu marido ficava implicando, ele se afastava, não gostava de chegar perto, ele achava aquilo horrível e eu ficava nervosa porque achava um absurdo o que ele fazia, uma agressão (E14).

Soma-se a essa situação também a questão do gênero, a construção social do masculino e do feminino. Em nossa sociedade patriarcal, dominadora, a mulher é vista como um ser submisso, é discriminada e, conseqüentemente, seu corpo é apropriado por esta sociedade. Silva, Pereira e Penna (2018) relatam que o gênero se relaciona às diferenças que foram desenvolvidas socialmente através de papéis, comportamentos designados pela sociedade aos homens e às mulheres. Observa-se que, nas sociedades dominadas pelo patriarcado, essas diferenças entre o gênero masculino e feminino afetam a saúde das mulheres.

Para Souza (2017), há comportamentos rotineiros que ainda mostram o quanto a vergonha da menstruação está enraizada no comportamento das mulheres desde a menarca, como o fato de as mulheres esconderem de seus parceiros que estão menstruadas. O autor informa ainda que o comportamento que torna o período menstrual menosprezado é muito influenciado pela sociedade patriarcal machista. Tem-se a ideia de que a mulher deve estar impecável, deve ocultar toda naturalidade, não somente ocultando a menstruação, mas também realizando cirurgias plásticas para padronizar o corpo feminino.

Hoga et al. (2010) observam em seus estudos que, além da menstruação, a Síndrome Pré-Menstrual (SPM), ou TPM, causa muitas interferências na vida dos casais, principalmente no diálogo estabelecido entre eles, pois, nesta fase, o diálogo é reduzido e os homens não possuem conhecimentos suficientes sobre os efeitos da síndrome nas mulheres. Assim,

geralmente os homens não sabem o que fazer, mesmo quando têm a intenção de fornecer apoio para as mulheres. Porém, quando os companheiros têm conhecimento sobre os efeitos da síndrome e da menstruação sobre o corpo e o psicológico das mulheres, estas vivenciam melhor a sexualidade e convivem melhor com a família.

Em seus estudos, Hoga et al. (2010) perceberam que os homens, em sua maioria, desconhecem o processo da SPM e da menstruação. Porém, algumas mulheres relataram que houve a percepção de seus parceiros dos sinais e sintomas característicos do ciclo menstrual. Estes parceiros foram mais compreensivos e respeitaram as condições físicas e emocionais da mulher, oferecendo até mesmo auxílio com o objetivo de reduzir os efeitos desconfortáveis para a mulher.

De acordo com Netto et al. (2014), a violência é vista como qualquer ato de agressão ou negligência que pode causar algum dano psicológico, sofrimento, incluindo ameaças, entre outras questões.

Como um dos diversos tipos de violência, encontra-se a violência doméstica, em que se insere a violência psicológica, a qual, segundo Brasil (2006), define-se como uma atitude ou comportamento que possa proporcionar a redução da autoestima e até mesmo um dano emocional grave, interferindo no desenvolvimento de um indivíduo.

Netto et al. (2014) apontam que a violência contra a mulher se vincula à questão de gênero, construção sociocultural que designa condutas e papéis aos sexos masculino e feminino. Para as mulheres, é especificada basicamente a submissão, a fragilidade e, para os homens, relaciona-se a força e a dominação. Existe a relação de poder, geralmente predominando a figura masculina sobre a feminina.

3.3 Categoria 3: O conhecimento do corpo e a relação consigo mesma e com o mundo à sua volta

A questão do autoconhecimento sobre a menstruação também foi mencionada, e esta foi compreendida através das experiências vivenciadas no dia a dia, havendo o conhecimento do próprio corpo e dos próprios limites, por exemplo, podendo policiar-se quando a menstruação tem ciclo regular ou, mesmo necessitando fazer uso de medicação, manter o controle, ou seja, as mulheres mostraram-se capazes de aliviar os sinais e sintomas

decorrentes da menstruação, controlando o período do fluxo menstrual, tendo, assim, o controle da situação.

Hoje, em relação à menstruação, eu sou tranquila porque a minha menstruação é muito regular, muito certinha. Se não fico menstruada é porque estou grávida, ela não atrasa, não vem pouco e nem muito, se não vem eu estou grávida, só isso. A minha segurança é essa, que ela vem todo mês, se não vier é porque alguma coisa de errado está acontecendo (E2).

Eu tenho crises de enxaqueca horríveis no período menstrual, tenho que tomar analgésicos fortíssimos e até Tramal por conta dessas dores; se eu pudesse, não ficava menstruada (E4).

Ah, é benéfico, saudável, importante pra mim, para não engravidar e para saúde também. Antes de tomar pílula eu sentia muita cólica, vomitava, desmaiava, eu tenho ovários policísticos e depois da pílula os sintomas melhoraram bastante (E7).

A primeira experiência foi muito ruim, eu fiquei menstruada aos 10 anos, não estava bem preparada, minha mãe também não foi bem preparada e, em consequência, ela tinha certos tabus para conversar sobre isso. Sentia muita dor, tomava chá, mas não aliviava muito não. Pra mim ficar menstruada na fase da adolescência é como se fosse uma enfermidade, não podia fazer nada, sentia tanta dor e ficava mesmo na cama, vomitava, era uma frustração, eu pensava, “está chegando o dia” e era um caos. Alguns médicos diziam que era psicológico, mas eu não concordava, não via nada de psicológico nisso. A experiência foi ruim, mas ao longo dos anos eu fui aprendendo, porém só foi melhorar mesmo depois que comecei a tomar anticoncepcional, me preparei pra casar e foi melhorando. Hoje em dia nós temos alguns remédios como o Buscofem que alivia mais, contém uma parcela de anti-inflamatório e alivia bastante (E11).

De acordo com Diogenes (2000), a menstruação deve ser visualizada como um acontecimento fisiológico, natural e, conseqüentemente, acreditando-se que assim possam ser minimizados os desconfortos desse período.

Jackson e Falmagne (2013) relataram que a menarca possui particularidades psicológicas e socioculturais, e para cada mulher possui um diferente significado, identificando, assim, uma necessidade de a própria mulher reconceitualizar sua identidade como mulher menstruada que vive em uma sociedade patriarcal.

Lee (2009) informou que as mulheres, quando alcançam a menarca, geralmente são informadas de que se tornaram mulheres. Desse modo, começam a se visualizar como futuras mulheres que estarão ou não em conformidade com os discursos impostos sobre os papéis e as expectativas de gênero em uma sociedade que, ainda na contemporaneidade, continua a desvalorizar as mulheres.

Segundo Jackson e Falmagne (2013), diante da construção negativa da menstruação, existe a tendência médica para a supressão menstrual com o uso contínuo de contraceptivos orais, que constitui para as mulheres uma opção para o controle da menstruação. Além disso,

informam que as mulheres respondem ao estigma social da menstruação, corrigindo-a ou até mesmo adquirindo um antídoto para ela, por ser visto como algo sujo e contaminado. Dessa forma, as mulheres são atraídas para a perspectiva de eliminar completamente ou, pelo menos, reduzir a frequência da menstruação por meio do uso contínuo de contraceptivos orais.

Tan, Haththotuwa e Fraser (2017) ainda referem sobre os anúncios de produtos menstruais. Estes produtos são retratados em propagandas e refletem consistentemente mitos negativos tradicionais e a constante necessidade de esconder esse atributo impuro e sujo, pois são frequentemente relacionados à higiene feminina. Por fim, estes produtos mantêm o silêncio das mulheres, a vergonha e o estigma que na atualidade ainda rondam a menstruação.

A análise de Ratti et al. (2015) relata que, pelas campanhas e propagandas, os discursos que denotam a patologização da menstruação são intensificados. Falam sobre o medo que as mulheres têm do vazamento do sangue menstrual e outras situações como a escolha das roupas, o desconforto que as mulheres têm de não usar qualquer roupa ou somente roupas escuras, além da preocupação, presente em todos os momentos, de a roupa estar com marcas do absorvente ou do sangue, o medo de manchar e sujar algum assento ou lugar. A propaganda mostra a ideia de “trazer liberdade” associada ao uso do absorvente.

Porém, segundo Souza (2017), com o fortalecimento e a evolução cada vez maior da luta feminista, principalmente através das redes sociais, as marcas viram a importância de trocar o conteúdo de suas propagandas para não serem alvo de críticas, para se adequarem ao que o público consumidor vem discutindo e assistindo nas redes sociais, ou seja, que a menstruação deve ser vista como algo natural, saudável, e não uma adversidade.

Souza (2017) informa que a biopolítica ajusta os corpos aos padrões que produzem lucros aos mercados biotecnológicos e biomédicos. Nesse sentido, relacionando a menstruação a diversas questões, como as cólicas, as doenças e à gravidez, é importante avaliar se há realmente nessas propagandas a preocupação com a liberdade e o direito de as mulheres decidirem sobre os próprios corpos, se o medicamento anticoncepcional é realmente benéfico, pois, se de um lado, evita a cólica, a gravidez indesejada e permite que as mulheres tenham maior controle sobre o período menstrual, de outro, seu uso pode causar efeitos colaterais como aumentar a probabilidade do desenvolvimento de doenças como câncer de mama e trombose.

Souza (2017) relata que ainda hoje as necessidades das mulheres são construídas pelo o que a sociedade impõe, como dito por Foucault:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia de biopolítica (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Ratti et al. (2015) acrescentaram que a publicidade, através de discursos reproduzidos na sociedade, faz uso destes para confirmar os tabus que envolvem o corpo da mulher e a menstruação.

3.4 Categoria 4: Reconhecendo e lidando com as influências na vida

A menstruação, embora seja um fenômeno natural na vida das mulheres, influencia sua vida em diversos momentos, podendo ser vivenciada como algo rotineiro, sem grandes problemas, ou como algo que interfere na vida e a dificulta.

As subcategorias inclusas neste momento são: “Na vida pessoal”, “Na vida familiar”, “Na vida social”, “Na vida profissional” e “Na vida sexual”.

3.4.1 Subcategoria 1: Na vida pessoal

A menstruação na vida das mulheres influencia em muitos aspectos, principalmente no que diz respeito à vida pessoal, e esta influência pode ser positiva ou negativa. Observou-se a questão das responsabilidades a serem assumidas, devendo-se ter o controle à base de contraceptivos para não ter filhos, ou justamente o oposto, a garantia de ter filhos com a presença da menstruação; e o não gostar da menstruação. As falas abaixo demonstram que a menstruação pode ocorrer mensalmente, de forma regular e sem problemas, sendo vista de forma benéfica e saudável.

Não, não. Só foi o fato de pensar que eu teria mais responsabilidade, que não poderia fazer tudo que quisesse, minha mãe falava da responsabilidade que teria depois que ficasse mocinha, aquela conversa das pessoas antigas, da roça, minha mãe é da roça. Então, eu agi naturalmente porque já sabia, e na escola os professores sempre falavam, nas matérias, sobre isso. Na área de biologia e ciências. Falavam da mulher, como era o ciclo menstrual, então pra mim não foi tão difícil (E16).

Muita coisa, tive que evitar filhos, tomar remédio, usar camisinha... (E1).

Eu detesto, mas suporto porque quero ter filhos (E2).

Para mim a menstruação é uma coisa péssima, graças a Deus que não sinto dor (E23).

Hoje em relação à menstruação eu sou tranquila porque a minha menstruação é muito regular, muito certinha (E2).

Para Bertoni et al. (2011), há influências da menstruação também no sentimento de raiva, que se relaciona com os sinais e sintomas, com as privações vivenciadas pela maioria das mulheres no momento da menstruação, como a irritabilidade, o uso de absorventes, a dor, a restrição do vestuário, a privação de lazer e até mesmo da atividade sexual.

De acordo com o estudo de Chrisler et al. (2015), conforme imposto pela cultura popular, o estereótipo das mulheres que estão menstruadas ou em período pré-menstrual baseia-se em sentimentos e emoções negativas, ou seja, a raiva, a ansiedade, a depressão e a tensão, mostrando que essas emoções afetam as mulheres e as pessoas de seu convívio. Este estereótipo pode ser visto como um reflexo das preocupações das mulheres ou pode acarretar preocupações para elas.

Silva e Mamede (2017) discutem que, apesar dos aspectos negativos, muitas mulheres veem a menstruação relacionada à identidade de gênero e ao conceito de ser saudável, de ter juventude e vitalidade, como um símbolo de identidade feminina, fertilidade e de maternidade, características bem reconhecidas na cultura atual.

Carvalho e Falkenbach (2009), observando outros estudos, relacionaram a adaptação das mulheres a diversas situações, tendo capacidade e criatividade para realizar e resolver várias atividades ao mesmo tempo (cuidar da casa, dos filhos e do trabalho) à menstruação e à variação hormonal.

3.4.2 Subcategoria 2: Na vida familiar

A vida familiar, segundo algumas mulheres, é influenciada, pois, a partir do momento em que se inicia a menstruação, é possível engravidar e constituir uma família. As mulheres também apontaram a relevância de se passar os ensinamentos às gerações futuras, no caso de terem filhas, porque tudo que a mãe passa terá influência sobre a filha.

Outras mulheres relataram interferência na vida familiar por conta de alterações de humor, irritação e mudança de comportamento com a TPM.

Na vida familiar influencia porque você sabe que a partir daquele momento em que você menstruou, já pode engravidar, pode montar uma família (E18).

Mas pensando na vida familiar, é muito boa porque aí vem o fruto (E18).

Importante para minha filha, eu penso nela, porque tenho uma menina e tudo que eu passar vai ter influência pra ela. Quero que ela se adapte da melhor forma possível e quero passar boas influências e experiências (E22).

Interfere um pouco, porque naquele período que eu estou menstruada fico um pouco tensa, irritada, meu esposo já até sabe quando estou naqueles dias, a tensão pré-menstrual, fico diferente, meu estado muda no período menstrual (E11).

Para Lesmes e Correal (2016), as alterações da menstruação, como os sinais e sintomas, podem proporcionar um grande impacto na qualidade de vida, com interferência principalmente nas relações familiares.

Manica (2011) relata em seus estudos que, durante a menstruação, os comportamentos da mulher podem ser alterados negativamente, causando transtornos não somente para a mulher, mas também para seus familiares e amigos, influenciando também em sua vida social e profissional. Pode-se observar nervosismo, insegurança, insônia, conflitos conjugais, maus-tratos e rejeição dos filhos e cônjuge, agressividade, e até mesmo perda de confiança de amigos e familiares, do emprego, afastamento do marido e divórcio.

Muramatsu et al. (2001) informam que, nas influências da menstruação que acometem a mulher no seu relacionamento com os familiares, estão inseridas a briga, o isolamento e a ocorrência de intrigas.

3.4.3 Subcategoria 3: Na vida social

A vida social, segundo as mulheres, é influenciada pela menstruação de diferentes formas, como um todo. Para algumas, o ciclo menstrual já se tornou um hábito, costume de vida que não causa interferências, tendo também o auxílio de medicamentos. Porém, para outras, interferiu, devido ao desconforto dos sinais e sintomas, gerando impedimentos na vida social, em relação, por exemplo, à época das aulas de Educação Física, em que uma das mulheres relatou que ficava desesperada devido ao receio de sujar-se em público. Outras falas

que surgiram foram de que a menstruação atrapalha a vida social, interferindo, pois a mulher tem dificuldade de colocar qualquer roupa para sair, que é horrível querer ir à praia, querer sair e não poder, sentir insegurança, medo de extravasar sangue e passar por um constrangimento.

Não tenho problemas com a menstruação em nada na minha vida, só o desconforto de ter que me lavar o tempo todo e me observar mais. Não interfere em nada (E23).

Não vejo problemas, faço tudo normal, só uso roupas mais escuras e calça jeans (E23).

Ah, eu tomo anticoncepcional... É tudo tão tranquilo, eu fico só dois dias, três... Geralmente é durante a semana e, eu não vou muito à praia, então não faz diferença, não vou nunca, nem piscina, nem nada... (E20).

Depois de certo tempo interferiu porque eu tinha muita cólica, muita cólica mesmo, então pra mim qualquer programação, qualquer evento naquele dia eu dispensava. Não saía para lugar nenhum porque as cólicas eram arrasadoras, mas depois que passavam eu estava pronta para qualquer coisa, mas naquele período em que as cólicas eram mais frequentes, eu dispensava o melhor programa. Ficava meio mal-humorada, naquele tempo não tinha absorvente, só toalhinhas, era bem difícil, mas depois que as cólicas passavam voltava para vida normal (E12).

Na vida social é complicada, porque na época das aulas de educação física eu ficava desesperada. Não fazia educação física, tinha medo de me sujar e passar vergonha a qualquer momento (E18).

Na minha vida social atrapalha, porque você quer colocar aquela roupinha, sair, e eu sinto muita dor de cabeça. Então na vida social influencia sim (E19).

É horrível querer ir à praia, querer sair e não poder, ficar com medo sujar tudo (E22).

Diogenes (2000) relata que as mulheres se preocupam que, durante o período menstrual, as pessoas à sua volta descubram a sua condição, e assim se altere a espontaneidade de suas atitudes e atividades.

Para Herrmann e Rockoff (2013), grande parte das mulheres em idade reprodutiva já vivenciou algum dos sintomas relacionados à menstruação, como irritabilidade, fadiga, edemas pelo corpo ou um intenso sangramento, podendo interferir em sua vida social ou profissional.

McMahon et al. (2011) descrevem o caso de muitas meninas quenianas que vivenciam a menstruação como um estressor social e uma barreira à escolaridade, pois preferem, devido à vergonha, vivenciar a menstruação em casa; além disso, essas mulheres jovens muitas vezes são pressionadas pelos próprios familiares a saírem da escola uma vez que já não são mais crianças e, assim, podem ter maiores responsabilidades domésticas, trabalhar e casar.

Ratti et al. (2015) argumentam que a falta de discussão sobre a menstruação prejudica a maneira como ela é vista na sociedade atual e a relação das mulheres com o próprio corpo, bem como fortalece a marginalização existente acerca do tema, inviabilizando o diálogo.

Tan, Haththotuwa e Fraser (2017) relatam que na, sociedade contemporânea norte-americana, a vergonha menstrual e o constrangimento ainda existem, propagadas principalmente pela sabedoria popular comum da publicidade e pelos métodos educacionais impostos. As jovens ainda hoje não são bem orientadas sobre a menstruação e a educação menstrual ainda é ineficiente, pois não trata a menstruação totalmente como um evento natural e normal, mas sim como algo confuso e que deve ser mantido em segredo. O mesmos autores, porém, informam que atualmente há uma outra vertente, a das mídias sociais. Sites de redes populares como Facebook, Twitter, YouTube, entre outros, permitem às mulheres se comunicar, interagir e compartilhar informações sobre a menstruação; enfim, têm o propósito de quebrar os tabus e as atitudes negativas impostas que persistem em torno da menstruação. Desse modo, as mídias sociais têm o poder de atuar positivamente contra os estereótipos criados e impostos a que as mulheres menstruadas ainda são expostas na sociedade atual.

Souza (2017) relata que a sociedade faz a mulher não se sentir bem por estar menstruada, por ter os sinais e sintomas característicos e, com isso, a TPM é vista com enfoque no comportamento negativo das mulheres, como as alterações de humor associadas aos sintomas pré-menstruais.

3.4.4 Subcategoria 4: Na vida profissional

No que tange à vida profissional, as mulheres referiram atrapalhar no trabalho, porque ficam estressadas quando estão menstruadas devido aos sinais e sintomas e às condições de trabalho, como, por exemplo, trabalhar em pé. O desconforto, devido aos banheiros nos locais de trabalho estarem sem condições de uso, relacionado à questão da higiene, o incômodo no momento de trocar o absorvente, bem como a questão da insegurança, foram relatados, pelo fato de desconhecerem como será o dia de trabalho por conta da menstruação.

Me atrapalhava muito no trabalho porque eu passava muito mal, eu trabalhava em pé o dia inteiro e tinha enjoo, muita cólica. Me atrapalhava muito no trabalho, no resto não, nunca tive problemas (E15).

Preocupa, pois não sabemos como estaremos naquele ciclo, se teremos cólicas ou dores de cabeça. Fico sem saber como será o dia de trabalho por conta disso (E22).

Na minha vida profissional, por exemplo, este trabalho nosso aqui, não tem lugar fixo, não tem nada... ela não atrapalha, mas não é uma coisa confortável, porque você precisa ficar toda hora fazendo higiene. Você não vai a qualquer banheiro, tem que ficar toda hora trocando o absorvente ou O. B. E nesses banheiros em hospitais, infectados, sem condições de uso, até mesmo os da própria equipe de enfermagem... então não é legal, na minha profissional (E19).

Ah, só um pouco, na hora de trocar o absorvente, quando estou no trabalho, incomoda um pouco, mas também é só isso. O resto não... Nunca parei para pensar nisso (E21).

Na profissional você fica estressada quando está menstruada, mas não pode demonstrar que está estressada e nem de TPM (E18).

De acordo com Herrmann e Rockoff (2013), os problemas menstruais podem afetar a vida profissional e estar relacionado ao absenteísmo devido aos sinais e sintomas vivenciados nesse período, resultando em alterações no salário.

Lesmes e Correal (2016) relatam que os sinais e sintomas advindos da menstruação podem trazer uma interferência nas relações das mulheres com o mundo, como no caso das relações de trabalho, gerando uma diminuição da produtividade e aumento do absenteísmo laboral.

Além disso, Espina, Fuenzalida e Urrutia (2005) relatam que a redução da produtividade e as altas taxas de absenteísmo são consequências da relação existente entre a eficiência no trabalho e a SPM, ou seja, o desempenho funcional das mulheres é afetado pelos sintomas da SPM. Desse modo, pode-se dizer que os sintomas gerados pela SPM resultam em uma carga pessoal e econômica importante e acarretam danos não somente em nível laboral, mas também na vida individual e social. Segundo os autores, as mulheres que têm suas atividades laborais externas possuem maior probabilidade de desenvolver altos níveis de estresse, o que pode interferir nas relações interpessoais e em sua capacidade de produção, resultando em isolamento e insatisfação.

Para Chrisler et al. (2015), na sociedade contemporânea ainda há muitos pensamentos preconcebidos de que as mulheres nos períodos pré-menstrual e menstrual não exercem normalmente suas atividades laborais e que até mesmo sua capacidade de pensamento é afetada durante a menstruação.

3.4.5 Subcategoria 5: Na vida sexual

A vida sexual foi pouco abordada pelas mulheres, sendo, para algumas, incômoda, pois o parceiro se distanciava por ela estar impedida de ter relações sexuais ou simplesmente por querer se afastar fisicamente. Houve também relatos do medo da possibilidade de engravidar. Em contrapartida, as mulheres atestaram que a menstruação faz parte da fisiologia da mulher e é sinal de normalidade, conseqüentemente, sentiram-se mais preparadas para as relações sexuais.

Quando eu era casada, influenciava muito, porque meu marido ficava implicando, ele se afastava, não gostava de chegar perto (E14).

Atrapalha na relação com o parceiro, pois quando estou menstruada não posso ter relação (E22).

Influencia na sexualidade, dá medo, medo de engravidar (E22).

É um processo fisiológico normal, significa que eu estou bem. A mulher se sente mais segura para o sexo, mais preparada (E22).

Allen e Goldberg (2009) e Fahs (2014) apontam que alguns estudos abordam a temática do sexo menstrual, apresentando os conflitos que existem sobre a tentativa de sentir prazer, sentir-se sensual durante o período, em confronto com os tabus que permeiam o ato sexual durante o ciclo menstrual e retratando as mulheres que sentem prazer durante essa relação, as que nunca a realizaram e as que não possuem restrições.

Além disso, Fahs (2014) afirmou que outros estudos discorreram sobre a relação entre menstruação, sexualidade e imagem corporal, concluindo que há maior conforto corporal sentido quando a mulher está menstruada durante o ato sexual, tendo assim melhores experiências. Mas, mesmo assim, em todas as idades e grupos raciais foi constatado que as mulheres praticam sexo com mais frequência quando não estão menstruadas, o que está relacionado a fatores socioculturais.

Tan, Haththotuwa e Fraser (2017) comentam que, na sociedade norte-americana, a vergonha e o constrangimento ainda persistirem quando o assunto tratado é a menstruação. As atitudes e expectativas das meninas sobre a menstruação ainda sofrem influências negativas e, assim, favorecem a vergonha que sentem de seus próprios corpos e a falta de confiança diante das decisões sexuais.

Souza (2017) relata que, em relação ao sexo, a sociedade geralmente apresenta uma aversão ao contato sexual com as mulheres que estão menstruadas. As próprias mulheres, além das outras pessoas, sentem nojo e acreditam que a mulher não pode ter relações sexuais durante esse período. Existem até mesmo culturas, sociedades em que a mulher fica reclusa durante o período menstrual devido ao fato de ser impura e estar menstruada.

4 A MENSTRUACÃO À LUZ DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O interacionismo simbólico estuda o comportamento humano baseado na ideia de que a experiência humana é mediada pela interpretação (CHARON, 1995). Além disso, considera a natureza da vida e a conduta do grupo humano, convivendo em um mesmo grupo, em uma mesma cultura, como condições essenciais para a construção de um mundo de objetos e de atitudes. O comportamento humano é designado como autodirigido e observável, no sentido simbólico e interacional. O ser humano pode planejar e dirigir suas ações em relação às outras pessoas e pode também atribuir aos objetos – que utiliza para planejar e realizar suas ações – seus respectivos significados (BLUMER, 1969; HAGUETTE, 1990).

Por meio das percepções do indivíduo, das situações ocorridas em sua vida e das influências recebidas, o interacionismo simbólico forma uma conexão ao reunir diversos significados e influências desenvolvidas a partir das experiências de vida e influências culturais que o indivíduo diariamente vivencia.

O interacionismo simbólico é fundamentado em premissas criadas por Blumer, que representam seus pressupostos e criam um esquema analítico da sociedade e das próprias condutas humanas, relacionando-as às sociedades ou grupos humanos, à interação social, ao ser humano como ator, aos objetos, à própria ação e às ideias humanas (HAGUETTE, 1990).

Segundo Lopes e Jorge (2005), o interacionismo simbólico é uma perspectiva teórica composta por elementos como mente, *self*, coisas, símbolos, linguagem, sociedade, ação humana e atividade grupal. Resulta das interações sociais realizadas pelos indivíduos em seu meio social, sua cultura, fazendo com que cada pessoa interprete diferentemente o mundo à sua volta e, a partir de então, construa seus próprios significados através de suas influências.

No caso do fenômeno da menstruação, mesmo sendo algo natural, é percebido e vivenciado de diversas formas, individualmente ou em grupo, de acordo com cada vivência deste fenômeno. Isto se dá na dependência de cada cultura, costume, podendo a menstruação influenciar diferentemente na vida de cada mulher. Neste estudo, esse fenômeno foi analisado a partir das percepções das próprias mulheres.

Para Blumer (1969), o interacionismo simbólico, em última análise, fundamenta-se em três premissas. Na primeira, é declarado que os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado/sentido que as coisas têm para eles; são objetos físicos, seres humanos, instituições, ideias, ações humanas e outras situações vivenciadas no dia a dia do indivíduo. Esses elementos envolvem tudo o que o homem observar e tudo com o que interagir em seu

universo, assim como as situações cotidianas do indivíduo. Na segunda, tem-se que o significado/sentido de tais coisas, por vezes, é resultante da interação social que o indivíduo tem com os outros indivíduos. E, de acordo com a terceira premissa, esses significados/sentidos podem ser influenciados e remodelados por um processo interpretativo utilizado pelo indivíduo para tratar com as coisas que ele encontra.

Ao correlacionarmos essas premissas com o fenômeno alvo do presente estudo, podemos dizer que a mulher age em relação à menstruação com base no sentido ou significado que esta tem para ela. Dessa forma, a menstruação influencia sua vida e seu cotidiano, podendo ter diversos sentidos para a mulher e, de acordo com cada significado, as mulheres têm ou terão reações distintas. Para as mulheres que veem a menstruação como algo positivo em sua vida, como, por exemplo, um símbolo de feminilidade, a menstruação será um fator de empoderamento; portanto, assumir esse sentido para a menstruação a influenciará positivamente. Já para as mulheres que atribuem significado negativo ao fenômeno, como no caso das mulheres que mantêm a menstruação como um símbolo de vergonha, esta influenciará negativamente, causando descontentamento em sua vida.

O significado/sentido da menstruação é construído ao longo do processo de interação social que a mulher tem com seu meio, principalmente com outras mulheres. Já para esta premissa, o sentido da menstruação se desenvolve através do ambiente em que a mulher vive, da interação com outras pessoas, principalmente com outras mulheres. Nesse sentido, no ambiente familiar, se a mulher for bem orientada pela mãe e pelos familiares, a menstruação poderá ter diferentes significados, podendo influenciar sua vida positiva ou negativamente; bem como o ambiente escolar, em que a menstruação é abordada biologicamente, pode trazer outra visão/sentido que irá influenciar a vida de uma mulher.

De acordo com Amaral (2003), a percepção e as influências se inserem na história de vida das mulheres, incluindo seu meio cultural e vivência. A questão da ligação entre percepção e história favorece o significado da menstruação como um sinal de algo novo, desconhecido, inesperado, sendo que algumas mulheres são orientadas, outras não.

Segundo cada percepção ou entendimento, o sentido da menstruação é construído e ficará marcado em sua vida. Esse valor apreendido e atribuído à menstruação pode ter diversos significados para a mulher, envolvendo a questão emocional. Como exemplos, podemos citar o gostar de menstruar por fazer a mulher se sentir, a partir do momento da menarca, na transição da fase infantil para a fase adulta, mulher.

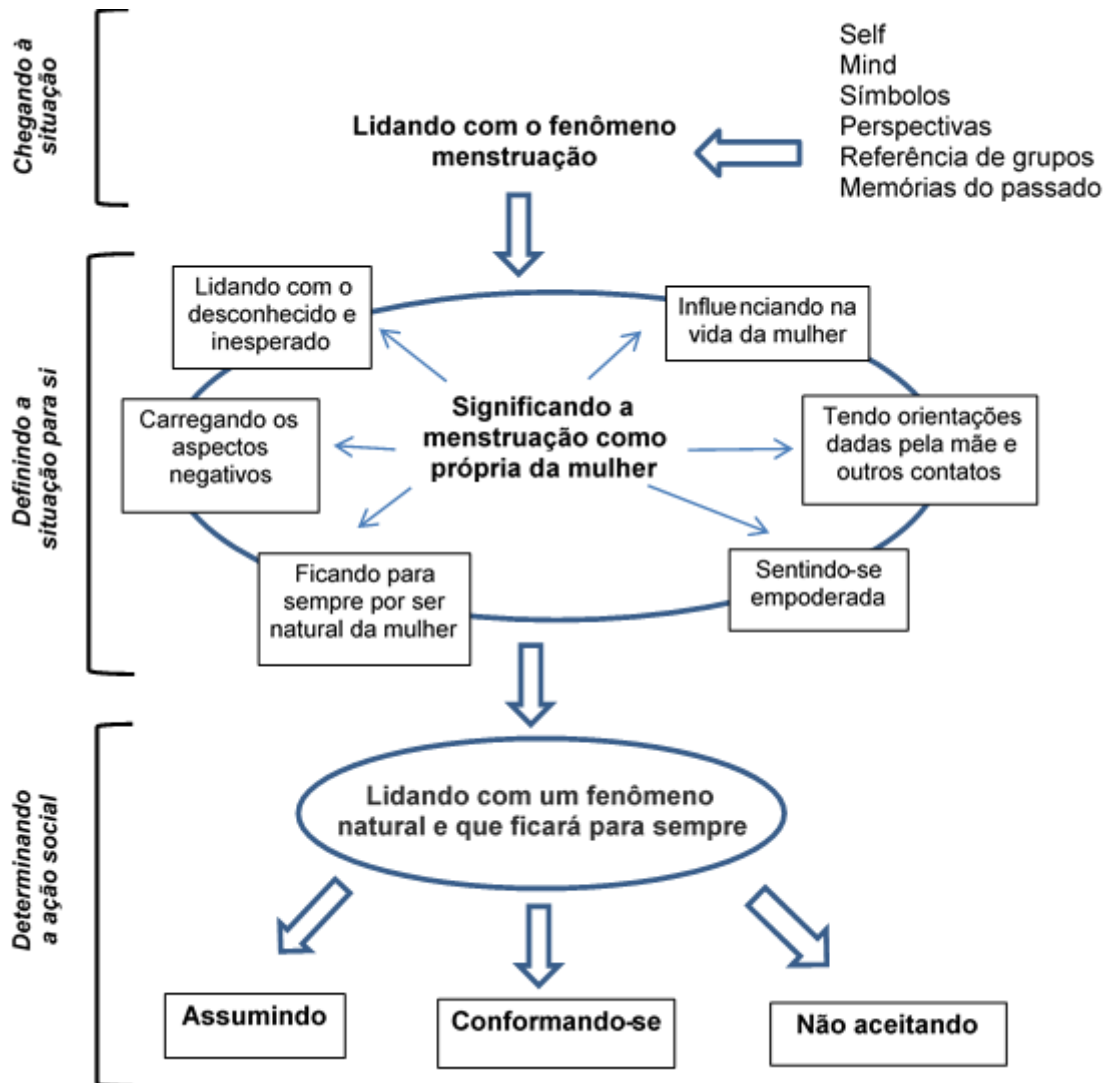
Por ser algo inesperado, poderá ter sinais e sintomas desagradáveis, vivenciar a questão da vergonha e até mesmo sentir o desprezo e o desgosto por estar menstruada (AMARAL, 2003).

Essas diferentes questões interligadas proporcionam as diversas atitudes da mulher diante da menstruação e, assim, ela pode, como dito anteriormente, ter uma boa aceitação da menstruação se tiver sido bem orientada, independentemente de terem vindo as orientações da mãe, dos familiares, dos amigos ou da escola, assim como pode haver posterior conformismo diante da condição ou até mesmo revolta e questionamento, sendo utilizados artifícios advindos da medicalização como o uso de contraceptivos orais para suprimir os sinais e sintomas advindos da menstruação ou até mesmo para impedir o seu fluxo. Dessa forma, a atitude da mulher é repassada ao grupo, seu meio social, seja qual for sua posição ou aceitação, através de palavras, atitudes ou ações, por meio da interação social (AMARAL, 2003).

Observou-se, através das interações realizadas durante este estudo, a importância de um suporte social não somente da mãe como primeiro ponto de apoio, mas também de outros familiares e amigos. O suporte social é uma estratégia de enfrentamento, relacionada ao apoio advindo das pessoas e do meio social onde a mulher se situa, sendo este um fator psicossocial positivo que pode auxiliar a mulher a lidar principalmente com os aspectos negativos interpretados por ela diante da menstruação (DAMIÃO et al., 2009).

Ao final do processo, foi elaborado um esquema sobre a questão das influências sobre o fenômeno da menstruação conforme pode ser visto na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Diagrama representativo do modelo explicativo



Fonte: A autora, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os objetivos do estudo foram alcançados, visto que foi possível descrever as relações de influência da menstruação na vida de mulheres, segundo sua própria percepção, e analisar a relação de mulheres com a menstruação à luz do interacionismo simbólico.

Os relatos dos estudos levantaram que a menstruação é um tema pouco discutido abertamente, ficando essa discussão mais restrita ao âmbito das mulheres.

Optou-se em utilizar o interacionismo simbólico por se tratar de uma teoria que aborda o comportamento humano e as interações sociais realizadas pelos indivíduos em seu meio social, sua cultura. Observou-se que as mulheres, ao lidarem com o fenômeno da menstruação, mesmo vendo-a como algo natural, vivenciam-na diferentemente, sendo o seu meio social e a sua cultura grandes influenciadores do processo, além de o próprio evento ser um marco em sua vida, pois, muitas vezes, ocorre de modo inesperado, podendo gerar ações positivas ou negativas.

Diversos aspectos podem influenciar a menstruação e o mundo de relações da mulher. Além disso, cada mulher tem e vive a sua cultura do seu jeito, mesmo que tenham sido orientadas e educadas para vivenciarem papéis representativos do feminino.

Assim, cada uma tem sua experiência aliada às representações culturais do seu grupo que inclui mãe, vizinhas, irmãs e colegas de trabalho, sendo, dessa forma, levadas a constituírem variados modos de vivenciar o corpo.

O suporte social é outra estratégia bastante importante como apoio, tanto para as adolescentes vivenciando esse momento de transição para a fase adulta, como para as mulheres adultas que consideram importante receber apoio de seus familiares, amigos, dentre outros.

A partir das interações com o seu meio social e sua cultura, a mulher vivenciará o fenômeno da menstruação de diferentes maneiras e esta, por sua vez, trará diferentes influências em sua vida, podendo gerar a aceitação natural deste evento, a conformação ou a não aceitação.

Através da perspectiva do interacionismo simbólico, o significado/sentido que a pessoa atribui a uma situação vivenciada – no caso, a mulher diante do fenômeno natural da menstruação – surge da interação com outras mulheres, com o seu meio social, sua cultura e

da interpretação que faz da situação vivenciada. No campo da saúde, o enfermeiro pode atuar como um importante mediador junto a essa mulher para auxiliá-la na busca de significados mais contundentes por meio de um cuidado mais integral, qualificado, fazendo com que a mulher tenha uma visão reflexiva sobre o ato de estar menstruada e as influências da menstruação em sua vida, bem como um olhar para além de assumir naturalmente este evento, conformar-se ou não aceitar a menstruação.

A enfermagem pode auxiliar essa mulher a libertar-se da situação ainda imposta pela sociedade predominantemente machista que vê o fenômeno da menstruação como algo negativo, incômodo, que deve ser mantido em segredo. Ajudá-la a ressignificar esse fenômeno, trazendo para ela uma visão diferenciada, mostrando a menstruação como algo natural, possibilitando que a mulher assuma a menstruação como símbolo do feminino e instrumento de empoderamento, constitui ação importante do cuidado de enfermagem, atribuindo a esse cuidado cunho libertador.

Desse modo, por meio das consultas de enfermagem, grupos educativos e orientações, o enfermeiro pode auxiliar a mulher a se fortalecer e a trazer um sentido/significado positivo da menstruação em sua vida.

Os resultados do presente estudo evidenciaram situações que merecem aprofundamento em estudos posteriores. Entre elas, destacamos a situação da violência de gênero que foi abordada em um dos relatos, trazendo inquietações e questionamentos sobre a questão que ainda é bastante vivenciada nos dias atuais.

Destaca-se também a relevância, para posteriores estudos, do aprofundamento em relação à situação de mulheres em regime prisional sobre a questão dos absorventes a serem fornecidos e outros artifícios utilizados na falta dos primeiros.

Merece atenção ainda estudos que incluam outras mulheres, para que o tema da menstruação tenha sentidos diferentes dos aqui apresentados e discutidos, como as mulheres e homens trans ou situações similares.

REFERÊNCIAS

ALLEN, K. R.; GOLDBERG, A. E. Sexual activity during menstruation: a qualitative study. **J. Sex Research**, [s. l.], v. 46, p. 535-545, 6 Apr. 2009.

AMARAL, M. C. E. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres**. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Rev. Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 29, n. 2, maio/ago. 2014.

BARCELOS, R. S.; ZANINI, R. V.; SANTOS, I. S. **Distúrbios menstruais entre mulheres de 15-54 anos de idade em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**: estudo de base populacional. 2012. 84f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) – Faculdade de Medicina Social, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

BENZIES, K. M.; ALLEN, M. N. Symbolic interactionism as a theoretical perspective for multiple method research. **J. Advanced Nursing**, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 541-547, 2001.

BERTONI, N. C. et al. O significado da menstruação para a mulher no início do século XXI. **Arq. Med. Hosp. Fac. Cienc. Med.**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 51-56, 2011.

BLANCO, A. **Cinco tradiciones en la psicología social**. Madrid: Morata, 1998.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. London: University of California, 1969.

BOCCHINO, S. Salud mental de la mujer: síntomas y trastornos premenstruales: clínica y tratamiento. **Rev. Psiquiatr. Urug.**, Montevideo, v. 68, n. 1, p. 78-89, jul. 2004.

BRASIL. Decreto Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha: coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Seção 1.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa**. Brasília, 2008. Disponível em:

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/manual_climaterio.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

CABRAL, F. B. **Tangenciando questões de gênero na abordagem à saúde da mulher: um desafio para a enfermagem**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Enfermagem Obstétrica) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2002.

CABRAL, F. B.; RESSEL, L. B.; LANDERDAHL, M. C. Consulta de enfermagem: estratégia de abordagem à gestante na perspectiva de gênero. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 459-465, dez. 2005.

CANCIAN, R. **Interacionismo simbólico**: fundamentos: Blumer e o estudo das interações sociais. São Paulo, 2009. Disponível em:<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/interacionismo-simbolico---fundamentos-blumer-e-o-estudo-das-interacoes-sociais.htm>>. Acesso em: 30 maio 2017.

CARVALHO, F.; FALKENBACH, A. P. O histórico da menstruação e sua relação com a saúde da mulher. **Rev. Digital**, Buenos Aires, ano 14, n. 135, ago. 2009. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd135/menstruacao-e-saude-da-mulher.htm>>. Acesso em: 30 maio 2017.

CARVALHO, V. D.; BORGES, L. O.; RÊGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. **Psic.: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

CHARON, J. M. **Symbolic interactionism**. 2. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1985.

_____. **Symbolic interactionism**: an introduction, an interpretation, an integration. 5th ed. New Jersey: Simon & Schuster, 1995.

CHENITZ, W. C.; SWANSON, J. M. (Org). **From practice to grounded theory**. Menlo Park: Addison-Wesley, 1986.

CHRISLER, J. C. et al. **Body appreciation and attitudes toward menstruation**. *Body Image*, [s. l.], v. 12, p. 78–81, 2015.

_____. Leaks, lumps, and lines: stigma and women's bodies. **Psyc. of Women Quarterly Sage J.**, [s. l.], v. 35, p. 202–214, Apr. 2011.

COELHO, E. A. C. et al. Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 154-160, jan./mar. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59–62.

COSTA, A. M. Participação social na conquista das políticas de saúde para mulheres no Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1073-1083, ago. 2009.

DAMIÃO, E. B.C et al. Inventário de estratégias de enfrentamento: um referencial teórico. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. esp. 2, p. 1199-203, dez. 2009.

DIOGENES, M. A. R. Dismenorreia: a vivência expressa por adolescentes. **Cogitare Enferm.**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 6, jul./dez. 2000.

- ENGWARD, H. Understanding grounded theory. **Nurs. Standard**, London, v. 28, n. 7, p. 37-41, Apr. 2013.
- ESPINA, N., FUENZALIDA, A.; URRUTIA, M. T. Relación entre rendimiento laboral y síndrome premenstrual. **Rev. Chilena de Obstetricia e Ginec.**, [s. l.], v. 70, n. 2, p. 113-118, jun. 2005.
- FAHS, B. Genital panics: constructing the vagina in women's qualitative narratives about pubic hair, menstrual sex, and vaginal self-image. **Body Image**, [s. l.], v. 11, p. 210-218, 2014.
- FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.79-98.
- GLASER, B. G. **Basics of grounded theory research**. Mill Valley: Sociology, 1992.
- GLASER, B.G.; STRAUSS, A. L. (Org.). **The discovery of grounded theory**. New York: Aldine, 1967.
- GONÇALVES, A. A. O.; FERREIRA, E. S. Por uma teoria psicossocial: os elos perdidos em G. H. Mead. **Cad. Pesq. Interdisc. em Ciênc. Hum.**, Florianópolis, v. 14, n. 105, p. 19-49, ago./dez. 2013.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HERRMANN, M. A.; ROCKOFF, J. E. Do menstrual problems explain gender gaps in absenteeism and earnings?: evidence from the national health interview survey. **Labour Economics**, [s. l.], v. 24, p. 12–22, 2013.
- HOGA, L. A. K. et al. Comportamento masculino diante da mulher com Síndrome Pré-Menstrual: narrativas de mulheres. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 372-378, 2010.
- HUNTER, A. et al. Navigating the grounded theory terrain. Part. 1. **Nurse Researcher**, London, v. 18, n. 4, p. 6-10, 2011.
- JACKSON, T. E.; FALMAGNE, R. J. Women wearing white: discourses of menstruation and the experience of menarche. **Feminism & Psych.**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 379-398, 2013.
- JEON, Y. The application of grounded theory and symbolic interactionism. **Scandinavian J. of Caring Sciences**, [s. l.], v. 18, p. 249–256, 2004.
- JEWITT, S.; RYLEY, H. It's a girl thing: menstruation, school attendance, spatial mobility and wider gender inequalities in Kenya. **Geoforum**, [s. l.], v. 56, p. 137–147, Sep. 2014.
- JOHNSTON-ROBLEDO, I.; BARNACK, J; WARES, S. "Kiss your period good-bye": menstrual suppression in the popular press. **Sex Roles**, [s. l.], v. 54, p. 353–360, 2006.
- LEE, J. Bodies at menarche: stories of shame, concealment, and sexual maturation. **Sex Roles**, [s. l.], v. 60, n. 9, p. 615–627, May 2009.

LESMES, C. I. M.; CORREAL, C. A. Creencias y vivencias de mujeres adultas sobre la menstruación en el municipio de Cota, Colombia. **Rev. Salud Bosque**, Bogotá, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2016.

LITTLEJOHN, S. W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LOPES, C. H. A. F.; JORGE, M. S. B. Interacionismo simbólico e a possibilidade para cuidar interativo em enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 103-108, 2005.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O.; SELLI, L. Mitos e tabus da maternidade: um enfoque sobre o processo saúde-doença. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 60, n. 1, p. 6, jan./fev. 2007.

MALUSU, L. N.; ZANI, A. P. An evaluation of the perception of secondary school students towards menstruation in Kenya. **Afr. J. Educ. Technol.**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 83-96, 2014.

MANICA, D. T. A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência. **Rev. Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 197-226, jan./jun. 2011.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A. **Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Educ Moraes, 1989.

MÁRVAN, M.; VÁZQUEZ-TOBOADA, R.; CHRISLER, J. C. Ambivalent sexism, attitudes towards menstruation and menstrual cycle-related symptoms. **Int. J. of Psych.**, [s. l.], v. 49, n. 4, p. 280-287, Aug. 2014.

MCMAHON, S. et al. 'The girl with her period is the one to hang her head': reflections on menstrual management among schoolgirls in rural Kenya. **BMC Int. Health Hum. Rights**, [s. l.], v. 11, n. 7, p. 1-10, 2011.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**. Chicago: University of Chicago, 1962. 440 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLONEY, S. How menstrual shame affects birth. **Women and Birth**, Townsville, v. 23, n. 4, p. 153-159, Dec. 2010.

MORSE, J. M. et al. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. **Int. J. of Qualitative Methods**, [s. l.], v. 1, n. 2, Spring 2002.

MURAMATSU, C. H. et al. Consequências da síndrome da tensão pré-menstrual na vida da mulher. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 205-213, 2001.

NETTO L. A. et al. Violência contra a mulher e suas consequências. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 458-464, 2014.

NICO, L. S. et al. A grounded theory como abordagem metodológica para pesquisas qualitativas em odontologia. **Rev. Ciência & Saúde Col.**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 789-797, 2007.

O'FLYNN, N. Menstrual symptoms: the importance of social factors in women's experiences. **The British J. of General Practice**, [s. l.], v. 56, p. 7, 2006.

OMARI, O. A.; RAZEQ, N. M. A.; FOOLADI, M. M. Experience of menarche among jordanian adolescent girls: an interpretive phenomenological analysis. **Pediatr. Adolesc. Gyneco.**, [s. l.], v. 129, p. 246-251, 2016.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. Compreensão do delineamento da pesquisa qualitativa. In: _____. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 199-221.

RAMALHO, K. S. et al. Política de saúde da mulher à integralidade: efetividade ou possibilidade? **Cad. de Graduação - Ciências Hum. e Sociais Fita**, Maceió, v. 1, n. 1, p. 11-22, nov. 2012.

RATTI, C. R. et al. O tabu da menstruação reforçado pelas propagandas de absorvente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Estudos da Comunicação, 2015.

REMBECK, M. M.; GUNNARSSON, R. K. Attitudes and feelings towards menstruation and womanhood in girls at menarche. **Acta Paediatrica**, [s. l.], v. 95, p. 707-714, 2006.

RIBEIRO, C. P.; HARDY, E.; HEBLING, E. M. Preferências de mulheres brasileiras quanto a mudanças na menstruação. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, fev. 2007.

TAN, D. A.; HATHHOTUWA, R.; FRASER, I. S. Cultural aspects and mythologies surrounding menstruation and abnormal uterine bleeding. **Best Practice & Research Clin. Obstetrics and Gynaec.**, [s. l.], v. 40, p. 121-133, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SANTOS, E. K. A. D. S. et al. **Saúde da mulher: enfermagem**. 2010. 144f. Trabalho de Conclusão (Curso de Especialização em Saúde da Família) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <www.unasus.ufsc.br>. Acesso em: 8 out. 2018.

SANTOS, J. L. G. et al. Perspectivas metodológicas para o uso da teoria fundamentada na pesquisa em enfermagem e saúde. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, 2016.

SANTOS, R. S. Interacionismo simbólico: uma abordagem teórica de análise na saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 7, n. 4, p. 233-237, jul./ago. 2008.

SHALLAT, L. **Conceitos de gênero no planejamento do desenvolvimento: uma abordagem básica**. Brasília, DF: CNDM, 1995.

SILVA, E. B. D. O.; PEREIRA, A. L. D. F.; PENNA, L. H. G. Estereótipos de gênero no cuidado psicossocial das usuárias de cocaína e crack. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, 2018.

SILVA, L. D. C.; MAMEDE, M. V. Desvelando os sentidos e significados do climatério em mulheres coronarianas. **Ciênc. Cuid. Saúde**, Maringá, v. 16, n. 2, abr./jun. 2017.

SOUZA, T. M. D. Perspectivas sobre a menstruação: análise das representações na publicidade e na militância feminista online. **CS Online: Rev. Eletr. de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 23, p. 295-314, 2017.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. (Org.). **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. London: Sage, 1998.

VALADARES, G. C. et al. Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 6, 2006.

VARGENS, O. M. C. **Tentando descobrir um modo de fazer enfermagem sem ser enfermeiro: os conflitos do estudante na construção da imagem da profissão**. Rio de Janeiro: Autor, 1997. 185 p.

WOONG, L. P.; KHOO, E. M. Dysmenorrhea in a multiethnic population of adolescent Asian girls. **Int. J. of Gynec. and Obstetrics**, Kuala Lumpur, v. 108, p. 139-142, 2010.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

1. Perfil da mulher:

1.1 Idade:

1.2 Nacionalidade:

1.3 Naturalidade:

1.4 Estado civil: () casada () solteira () divorciada () viúva () união estável
() outros

1.5 Escolaridade: () primeiro grau completo () primeiro grau incompleto

() segundo grau completo () segundo grau incompleto

() superior completo () superior incompleto () pós-graduação () mestrado

() doutorado () MBA () livre docência

2. Antecedentes obstétricos e ginecológicos:

2.1 Já iniciou sua atividade sexual? () não () sim Com qual idade?

2.1 Tem filhos: () não () sim Quantos?

2.2 Abortos, partos e cirurgias ginecológicas prévias:

2.3 Utiliza algum método anticoncepcional? () não () sim Qual?

3. Ciclo menstrual:

3.1 Idade da menarca:

3.2 Duração do ciclo menstrual:

4. Me conta como foi a primeira vez que você ficou menstruada...

Temas a serem abordados pelo entrevistador caso não apontado espontaneamente pela entrevistada

6. E você tinha ideia de como seria, o que você iria sentir quando ficasse menstruada...

7. Ela comentava o quê com você?

8. E você ainda menstrua?

9. Como é sua relação com a menstruação?

10. É boa a relação com seu marido nesta época?

11. Se não, por que que fica ruim?

12. E fora a relação com seu marido, o que deixa você insatisfeita?

13. E na sua vida social? Quando você sai para ir a algum lugar...

14. Você tem filhos? Alguma menina?

15. O que vocêalaria para elas com relação à menstruação?

16. O que você acha que mudou na sua vida depois que ficou menstruada?

17. Muito obrigada pelo seu depoimento.

18. Como você acha que a menstruação influencia nos aspectos da sua vida?

Afetividade

Vida Social

Feminilidade

Vida Profissional

Vida Familiar

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO BIOMÉDICO - FACULDADE DE ENFERMAGEM
Núcleo de Estudos e Pesquisas Enfermagem, Mulher, Saúde e Sociedade (NEPEN-
MUSAS): Av 28 de Setembro, 157, 8º andar, Vila Isabel – Rio de Janeiro - RJ

TÍTULO DO PROJETO: O ciclo menstrual e suas influências no mundo de relações da mulher
Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens

PROPÓSITO E HISTÓRICO DO ESTUDO: Estamos realizando uma Pesquisa que tem como foco o ciclo menstrual sofre influências e influencia o mundo de relações da mulher. A pesquisa tem como objetivos: (i) • Descrever as relações de influência do ciclo menstrual influencia na vida e no cotidiano das mulheres, segundo sua própria percepção; (ii) • Analisar as relações de cuidado e apoio entre mulheres em relação à menstruação. Para tal necessitaremos de sua colaboração como participante efetiva deste processo de construção, através da prestação de informações que serão coletadas por meio de entrevista(s).

Acreditamos que este trabalho com certeza contribuirá com dados e informações importantes para que possamos aprimorar cada vez mais o atendimento e apoio que prestamos às mulheres e seu grupo social, e também com a melhoria da qualidade de vida destas pessoas.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA: Se quiser nos ajudar neste estudo, nós vamos fazer a você algumas perguntas. A entrevista deverá levar de 45 a 60 minutos. As questões são sobre sua vivência relacionada a menstruação, incluindo suas relações pessoais e sociais durante esse momento.

RISCOS/DESCONFORTOS: Não há riscos e desconfortos por sua participação na pesquisa. As entrevistas serão realizadas em um lugar privado onde ninguém pode ouvir suas respostas.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Sua participação no estudo é completamente voluntária e você pode parar a qualquer momento e por qualquer razão. Você também pode se recusar a responder qualquer uma das perguntas.

CONFIDENCIALIDADE: Sua identidade permanecerá confidencial de acordo com a Resolução.

Suas respostas às questões serão gravadas. As gravações serão identificadas pelo pesquisador apenas com um código. Após a transcrição dos dados serão destruídas. Todos os dados coletados serão guardados em lugar seguro durante todo o curso do estudo. Somente os pesquisadores do grupo terão acesso a eles. Nos trabalhos e encontros científicos somente serão mencionados os códigos ou dados agrupados. Nomes ou iniciais não serão identificados.

BENEFÍCIOS: Não há benefícios pessoais diretos para você. Contudo, você oferecerá informações mais realistas para os profissionais de saúde que podem ser usadas para ajudar outras pessoas na mesma situação. Ainda, experiências passadas demonstram que entrevistas com adultos podem levar a sua satisfação, pois é uma forma de fazer sua voz ser ouvida.

CUSTOS: Você não terá gastos ao participar deste estudo.

PAGAMENTO: As entrevistas não serão remuneradas.

PERGUNTAS:

Se você tiver alguma pergunta ou dúvida relacionada ao estudo, pode entrar em contato com OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS no Endereço: FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UERJ, AV. 28 DE SETEMBRO Nº 157, 7º ANDAR – VILA ISABEL
Tel./Fax: (21) 28688236 E-mail: orientavargens@bol.com.br

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (21) 2569-3490.

CONSENTIMENTO

A pesquisa me foi explicada. Qualquer problema que tive ao ler ou compreender foi esclarecido. Eu tive a chance de fazer as perguntas que desejei e elas foram respondidas. Eu compreendo os meus direitos como participante desta pesquisa.

Eu concordo em participar.

(Você receberá uma cópia deste termo de consentimento esclarecido)

Data

Assinatura do Participante

ANEXO – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A menstruação como um fenômeno da vida de mulheres: interpretando e comparando aspectos culturais e sociais

Pesquisador: OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55209016.4.0000.5282

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.507.975

Apresentação do Projeto:

Estudo que tem por objeto a menstruação como um fenômeno natural da vida de mulheres, com foco centrado em seus aspectos sociais e culturais, bem como nas repercussões para a vida pessoal, profissional e familiar das mulheres. A pesquisa será desenvolvida em dois centros urbanos, a saber: Rio de Janeiro – Brasil e Linköping – Suécia. Trata-se de pesquisa descritiva qualitativa, desenvolvida com base nos pressupostos teórico-metodológicos do Intencionismo Simbólico e da Grounded Theory. Os dados serão coletados através de entrevistas semiestruturadas a partir de roteiro pré-elaborado versando sobre a experiência de mulheres quanto à sua vida menstrual.

Estima-se a realização, no total, de 80 entrevistas, sendo 40 em cada centro. Os cenários da pesquisa serão os ambientes das duas universidades e a amostra será constituída de mulheres frequentadoras destes ambientes, incluindo estudantes, professoras e funcionárias técnico-administrativas.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos são: (i) Conhecer o processo de construção dos significados da menstruação e sua influência na interação social de mulheres consigo mesmas e com seu grupo social próximo; (ii)

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.559-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 1.507.975

Identificar os significados atribuídos por mulheres à menstruação e suas repercussões sobre seu cotidiano; (iii) Correlacionar, de acordo com a perspectiva feminina, os fenômenos ligados ao ciclo menstrual com sua biologia e seu processo de socialização; (iv) Discutir as influências socioculturais e de gênero na construção da relação da mulher com seu ciclo menstrual; (v) Analisar de modo comparativo as experiências de mulheres em dois centros urbanos distintos considerando suas diferenças culturais e de socialização feminina; (vi) Analisar sob a perspectiva do interacionismo simbólico, o processo de significação da menstruação e sua influência na interação social das mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Embora o pesquisador informe não haver riscos para o participante, toda pesquisa representa riscos, ainda que subjetivos. Contudo o pesquisador demonstra ter atendido à Resolução quanto à proteção como participante.

Destaca-se objetivos indiretos que poderão guiar a prática profissional no cuidado à saúde das mulheres.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem elaborada, apresenta clareza em seus objetivos e coerência destes com o método adotado. Apresenta vasto embasamento teórico que sustenta a proposta e o pesquisador possui experiência no campo temático.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisa apresenta todos os termos obrigatórios, de acordo com a Res 466/12.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não foram observadas implicações éticas que impeçam a realização do mesmo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para abril de 2017. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 1.507.975

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_436200.pdf	04/02/2016 14:11:33		Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	04/02/2016 14:10:30	OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	04/02/2016 14:01:07	OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.doc	04/02/2016 13:59:29	OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELOTermodeConsentimentoLivreeEsclarecido.docx	04/02/2016 13:53:06	OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS	Aceito
Folha de Rosto	fohaderostoCEP.pdf	04/02/2016 13:51:55	OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 20 de Abril de 2016

Assinado por:

Patricia Fernandes Campos de Moraes
(Coordenador)

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br